



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO SEM REVISÃO

COMISSÃO DO ESPORTE			
EVENTO: Audiência Pública	REUNIÃO Nº: 2007/15	DATA: 08/10/2015	
LOCAL: Plenário 16 das Comissões	INÍCIO: 10h41min	TÉRMINO: 13h39min	PÁGINAS: 62

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

RICARDO DE MOURA - Diretor Executivo da Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos - CBDA;
JOÃO TOMASINI SCHWERTNER - Presidente da Confederação Brasileira de Canoagem - BCa;
KLAYLER MOURTHÉ - Supervisor de Seleções da Confederação Brasileira de Ginástica - BG.

SUMÁRIO

OBSERVAÇÕES

NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO, APENAS PARA CONSULTA.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Bom dia a todos. É um prazer e uma satisfação, mais uma vez, estarmos aqui nesta manhã de quinta-feira para realizarmos esta audiência pública.

Esta audiência pública da Comissão do Esporte está sendo realizada em razão da aprovação do Requerimento nº 33/2015, de autoria e iniciativa do Deputado João Derly, que já está presente, e tem como objetivo debater a preparação da delegação dos atletas para as Olimpíadas de 2016, com as Confederações de Canoagem, Ginástica e Desportos Aquáticos.

Dando início às apresentações, já se encontram aqui na Mesa os Srs. João Tomasini, da Confederação Brasileira de Canoagem, o Sr. Klayler Mourthé, da Confederação Brasileira de Ginástica, e também o Sr. Ricardo de Moura, da Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos.

Comunico a todos que prestigiam esta audiência pública que está aqui acompanhando o Sr. Klayler, Supervisor de Seleções da Confederação Brasileira de Ginástica, a Sra. Maria da Glória Andrade Sperandio e os seguintes membros da Confederação: a Sra. Jaqueline Pires, obrigado pela presença; o Sr. Ari Resende Silva, obrigado pela presença, e o Sr. Rafael Andrade, que ainda não chegou.

Informo que esta é a quarta reunião do ciclo de audiências públicas com as Confederações Olímpicas para debatermos a preparação das delegações para os Jogos Olímpicos do Rio 2016.

Já estão programadas audiências para o dia 15 de outubro com as Confederações de Futebol, Voleibol e Basquetebol e para o dia 22 de outubro com as Confederações de Ciclismo, Boxe e Hipismo.

Comunico a todos que esta audiência pública está sendo transmitida pelo portal e-Democracia com o *link* disponível da página da Comissão do Esporte no Portal da Câmara. Os internautas participantes poderão dirigir perguntas aos expositores.

Então, só para falar aos expositores que teremos a participações dos internautas que farão as suas perguntas e serão encaminhadas a mim e eu, certamente, irei repassá-las aos senhores.

Antes de passar às exposições, desejo informar as regras de condução dos trabalhos desta audiência pública.



O convidado deverá limitar-se ao tempo do debate e disporá de 15 minutos para suas preleções, não podendo ser aparteado. Após as exposições, serão abertos os debates. Os Deputados interessados em interpelar os palestrantes deverão inscrever-se previamente e poderão fazê-lo estritamente sobre o assunto da exposição pelo prazo de 3 minutos. Será permitida réplica de qualquer participante que seja citado durante os debates.

Então, eu gostaria agora de passar a palavra ao Sr. Ricardo de Moura, Diretor-Executivo da Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos para fazer sua apresentação, pelo tempo de 15 minutos.

O SR. RICARDO DE MOURA - Bom dia a todos. Em primeiro lugar, saúdo o Presidente, Deputado Márcio Marinho, e o Deputado João Derly pela iniciativa e oportunidade de podermos aqui debater, discutir e apresentar alguns fatores específicos das nossas confederações com vistas ao Rio 2016 e algumas particularidades que, na verdade, o grande público possa desconhecer.

Eu posso pedir para ficar em pé? Muito obrigado.

A Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos é Presidida pelo Dr. Coaracy Nunes Filho e faz o regimento das modalidades de natação, nado sincronizado, polo aquático, saltos ornamentais e maratonas aquáticas. São cinco modalidades olímpicas que qualificamos basicamente até como seis pelas características diferentes do polo aquático masculino e do polo aquático feminino.

Segundo o censo do esporte, e aí vêm os valores agregados das modalidades que nós praticamos, são 12 milhões de pessoas que praticam a natação no Brasil de forma esporádica e de forma diária.

A faixa etária dos nadadores vai de 0 a 90 anos, são valores agregados que temos, e é a única atividade física indicada para menores de 3 anos. Então, são 12 milhões num efeito cascata de praticantes de natação no Brasil, ligados direta ou indiretamente. Há 100 mil atletas federados, 20 mil atletas em competições, 20 mil atletas ativos e estamos nos 27 Estados da Federação.

Nós teremos uma participação nos próximos Jogos Olímpicos de 100%. Todos os esportes aquáticos brasileiros estarão presentes nos Jogos Olímpicos Rio 2016.



De cada 4 medalhas obtidas nos últimos Jogos Pan-americanos, uma delas era conquistada pelos esportes aquáticos. Tivemos 132 horas de exposição em TV. É o segundo esporte mais assistido pelos brasileiros. É a confederação com o maior número de medalhas individuais conquistadas nos campeonatos mundiais de 2015.

Como os esportes aquáticos vão se apresentar no Rio 2016. O que representam os esportes aquáticos nos Jogos Olímpicos Rio 2016. Primeiro, o grande impacto. Cada dia é um dia a menos. Hoje, faltam especificamente 302 dias para os Jogos Olímpicos. As coisas passaram muito rápidas desde que nós conquistamos o direito de realizar os Jogos, a conquista de realizar os jogos no Brasil. Faltam agora somente 302 dias da nossa preparação. Nossa presença, como falei, será de 100% nos Jogos Olímpicos

Este é o quadro dos esportes aquáticos nos Jogos Olímpicos. Todos os dias, teremos esportes aquáticos. Em alguns dias, inclusive, com quatro esportes aquáticos se apresentando num mesmo dia.

O segundo ponto importante é que isso tem despertado na sociedade brasileira a busca pelo resultado, pelo retorno, há um interesse por parte daqueles que irão transmitir os Jogos Olímpicos para a sociedade brasileira de especificarem até determinados canais para, exclusivamente, passarem os esportes aquáticos.

Qual o impacto dos esportes aquáticos nos Jogos Olímpicos? Quinze por cento de todas as medalhas distribuídas nos Jogos Olímpicos vêm dos esportes aquáticos. Aí é um total de medalhas que serão distribuídas nos Jogos Olímpicos e 15% delas vão para os esportes aquáticos, daí a sua importância nos Jogos Olímpicos.

Obviamente que os jogos em casa geram grandes expectativas. Há uma expectativa social por resultados. Nós temos esportes que vão desde a exatidão da precisão, um centésimo na natação faz com que estejamos numa final ou fora de um pódio. Nós temos esportes com essa precisão.

Nós temos esportes com plasticidade, como são o nado sincronizado e os saltos ornamentais, aqueles que controlam o corpo e as regras subjetivas. Nós temos a exatidão, a subjetividade e a plástica. Temos os esportes coletivos. Temos as maratonas aquáticas. O ser humano não vive na água, e a prova de 10 quilômetros é a maratona aquática.



Então, há um contexto dessas expectativas que nós geramos desde o planejamento estratégico feito em 2009, que é obter o melhor resultado esportivo individual e coletivo. Nós traçamos como meta base para os jogos olímpicos de 2016 que os esportes aquáticos consigam os melhores resultados, tanto no individual, quanto no coletivo.

Esse é o impacto social que nós tivemos nos Jogos Pan-Americanos, em que 6,9 milhões de pessoas assistiram aos esportes aquáticos. Esse é o perfil das pessoas que efetivamente estiveram conosco.

Então, o impacto social é muito grande, é um valor agregado que obviamente sustenta toda a programação e a importância que tivemos e que temos dentro da sociedade.

Mais de 9 milhões... Desculpem... O eslaide anterior é da natação. Quase 7 milhões de pessoas assistiram somente à natação e mais de 9 milhões de pessoas assistiram aos esportes aquáticos.

Esse foi o Mundial de Kazan, realizado em Kazan, na Rússia, e quase 8 milhões de pessoas acompanharam os esportes aquáticos. Fora isso, compareceram 150 pessoas da delegação brasileira. A seleção brasileira ganhou sete medalhas nesse mundial em natação e em maratonas aquáticas.

E, aí, vêm algumas perguntas interessantes. *“Quanto vale uma medalha?”* A medalha é o reflexo não só do trabalho produzido no País, mas daquilo que ela deixa para a sociedade. É o momento que você tem para aumentar... O esporte traz o respeito, o hábito da saúde. A medalha aumenta o número da procura da base dos praticantes.

Nós temos que estar preparados, principalmente para depois de 2016, para termos os projetos de reinvenção do esporte, de reinvenção do conceito de esporte. A missão e os valores das instituições podem permanecer os mesmos, mas a visão da reinvenção do esporte, ou parte disso, é nossa responsabilidade. Por isso, é difícil dizer quanto vale uma medalha. É difícil mensurar o valor intrínseco e extrínseco da medalha. Quanto custa uma medalha?

O Brasil, na verdade, tem uma das medalhas mais caras. Por quê? Nós dominamos o continente sul-americano. Nós temos que fazer quase todas as nossas preparações, as principais competições, fora do País.



Nós tivemos em 2015 um impacto muito forte, que foi o aumento do dólar, que impactou todos os projetos e os nossos lançamentos. É difícil dizer quanto custa uma medalha, mas é importante que façamos a revisão dessa relação do custo-benefício. Nós estamos fazendo essa revisão.

Nós terminamos agora, na semana passada, a avaliação e a projeção de orçamento dos nossos esportes aquáticos até o Rio 2016. Todas as prioridades da Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos estarão voltadas para o Rio 2016. O nosso patrocinador principal da natação vai completar 25 anos de patrocínio no ano que vem. É uma longevidade de respeito e de sucesso.

Nós já fizemos a revisão. É difícil fazer uma previsão. O ser humano é muito ruim em fazer previsão. Se ele fosse bom em fazer previsão nós não teríamos os problemas que enfrentamos e estaríamos em outra situação. Nós somos muito ruins para fazer previsão, mas nós temos que traçar todos os cenários, interno e externo, para que possamos criar um orçamento e realizar as ações dentro daquilo que efetivamente podemos concretizar.

O que nós já temos classificado para o Rio 2016? Nós vamos participar de todos os esportes aquáticos. Nós já temos os revezamentos classificados, obtidos agora no Mundial de Kazan, e existe ali uma expectativa de participação de 32 atletas na natação. As equipes de polo aquático, masculina e feminina, já estão classificadas. O nado sincronizado, de dueto e de equipe, também já está classificado. As duas duplas de saltos ornamentais já estão classificadas, e ainda passamos a mais duas competições avaliatórias para a definição da equipe.

E as maratonas aquáticas já têm as vagas definidas. Das quatro vagas possíveis que poderíamos ter nos jogos olímpicos — são dois homens e duas mulheres —, nós conseguimos três vagas, com a Ana Marcela, a Poliana Okimoto e o Allan do Carmo.

Com isso, nós fizemos uma explanação, demos uma visão geral da nossa confederação. Obviamente o tempo é exíguo, e poderíamos falar muito mais sobre cada uma das modalidades.

Eu quero agradecer a oportunidade uma vez mais.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - O senhor ainda teria 3 minutos que poderia utilizar.



O SR. RICARDO DE MOURA - Eu gostaria de esclarecer que a reinvenção do esporte virá não só com aquilo que já classificamos. Temos ainda alguns atletas para classificar.

Quero lembrar a todos que nós ainda teremos os testes de eventos. Nós já tivemos o teste de evento das maratonas aquáticas, e o teste de evento do nado sincronizado será no início de abril. Em fevereiro nós teremos os saltos ornamentais, em abril teremos a natação de 15 a 20 e o polo aquático de 27 a 30.

Então, nós temos ainda essas competições avaliatórias para testar mais os equipamentos. Eu também não tenho dúvidas de que tecnicamente — apesar de todas as polêmicas a respeito das instalações — as instalações dos esportes aquáticos estarão de acordo com a Federação Internacional de Natação.

O contexto administrativo já é uma visão entre o comitê organizador e a Federação Internacional, mas o contexto do Field of Play, da parte técnica da competição, estará de acordo com as regras e normas da Federação Internacional, que fará uma nova visita agora, no final de novembro, para concretizar todo o trabalho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Obrigado, Sr. Ricardo, pela sua apresentação.

Eu quero aqui dar um destaque a um baiano da cidade de Ubaitaba, meu conterrâneo, que ganhou duas medalhas de ouro e uma prata. Inclusive, nós encontramos Isaquias Queiroz na semana retrasada lá na cidade de Mata de São João, em um evento político, na verdade, das cidades em que a tocha passará. Isaquias estava lá prestigiando o nosso evento.

Eu quero dizer, Sr. Ricardo...

(Não identificado) - Ele é da canoagem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Da canoagem, da canoagem.

O SR. RICARDO DE MOURA - Eu só gostaria de ressaltar que a Ana Marcela e o Allan do Carmo são baianos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Pois é, pois é. E dizer que nós lá ficamos muito felizes, até por conta das dificuldades. Quem conhece um



pouco da família dele sabe da dificuldade que é conquistar duas medalhas de ouro e uma de prata.

Com a palavra agora o João Tomasini, da Confederação Brasileira de Canoagem. Foi por isso que ele me chamou a atenção aqui. Eu estava falando com o Ricardo sobre a canoagem, mas ele sentiu ali... Não é desprestigiando, não, viu, Dr. João? Eu tenho certeza que vocês prepararam muito bem o atleta que trouxe essas alegrias para o povo brasileiro.

O senhor tem a palavra pelo tempo de 15 minutos.

O SR. JOÃO TOMASINI SCHWERTNER - Obrigado.

Prezado Presidente Márcio Marinho, Deputado João Derly, minha colega Luciene, da Confederação de Ginástica, Ricardo, internautas que nos acompanham, assistência, realmente a canoagem está chegando em 2016 com uma possibilidade diferenciada.

O Isaquias é, sem dúvida, o nosso maior ponto de referência, com possibilidade de medalhas nos jogos, e não uma só. Esse pode ser o grande diferencial. Ele é um garoto diferenciado, realmente tem uma história familiar incrível e está sendo assistido por toda a confederação, pelo Comitê Olímpico e pelos nossos patrocinadores.

E, ao mesmo tempo, também somos uma Confederação de muitas modalidades: duas olímpicas, canoagem velocidade e canoagem slalom; e uma paralímpica, a canoagem velocidade paralímpica, ou paracanoagem. São mais nove modalidades não olímpicas. Então é uma família muito grande e diversa.

Nós contamos com o nosso patrocinador principal, o BNDES, com recursos incentivados; com a GE — General Electric — na parte de ciência e recursos, a GE foi a conquista deste ano da canoagem; e com a parceria e patrocínio da Itaipu Binacional no Canal Itaipu, que vem desde 2006. O BNDES está conosco desde 2012 e com grandes possibilidades de seguir até Tóquio apoiando a canoagem.

A nossa estrutura e a questão das competições, e como estamos preparando o nosso grupo para chegar ao Rio 2016 com uma boa *performance*, com uma condição ideal.

A canoagem estará nas duas modalidades nos Jogos Olímpicos e nos Jogos Paralímpicos também. Na canoagem velocidade nós temos garantido um atleta de



cada modalidade: caiaque masculino e caiaque feminino, e a canoa. Mas a canoa, como o Isaquias e o Erlon, os dois baianos, conquistaram a medalha de ouro no mundial da Itália, no C2 1.000 metros, numa prova fantástica, deixando todo mundo impressionado com a tática deles, essa vaga lá sai e entram as duas vagas da canoa. Então a canoa estará com dois atletas garantidos.

Esse pessoal da canoa na canoagem velocidade treina na cidade de Lagoa Santa, com o apoio do Comitê Olímpico e dos nossos patrocinadores. Então o Comitê Olímpico este ano, de janeiro, de junho do ano passado até agora, bancou a estrutura, e agora o patrocínio entra com dinheiro incentivado.

O restante da canoagem velocidade está em Curitiba. São trinta e poucos atletas concentrados. A canoagem slalom baseada hoje em Foz do Iguaçu. E, começando os treinos nesse mês de outubro e novembro no Canal Rio, no Parque Radical em Deodoro, vamos treinar na pista olímpica.

Se há um esporte diferente da piscina, Deputado, com aquela dimensão de milímetros, se tem um esporte que tem fator local é canoagem slalom. Como o investimento para a construção foi feito pelo Governo Federal e pela Prefeitura do Rio de Janeiro, nós estaremos treinando no ponto, no local, ajudando inclusive a refinar as corredeiras.

Nós começamos agora em outubro e novembro, já estamos lá com o nosso grupo principal. A Equipe Sub-23, a equipe de 20, continua em Foz do Iguaçu. Nós vamos manter os dois centros de canoagem de Va'a com os recursos do nosso patrocínio.

Como todo esporte brasileiro, esse calendário internacional sofre com a questão do dólar, mas nós, nesses últimos anos, participamos de todos os mundiais, todas as Copas do Mundo, de acordo com o nível técnico, exigências dos nossos técnicos. E nos Sul-americanos a canoagem slalom é domínio absoluto. Brigamos com o Canadá e os Estados Unidos pela supremacia no Continente Americano.

Na canoagem velocidade somos um dos cinco países que dominam a modalidade. No mundo, o nosso destaque é a canoa, o trabalho é desses dois atletas. Nós estamos buscando que o caiaque cresça como no passado. O caiaque antes era o destaque. Sebastián foi o oitavo lugar na Olimpíada de Atlanta. Nós



tínhamos um destaque maior no caiaque, a canoa ultrapassou de longe o caiaque e nós estamos trabalhando para voltar.

Na questão de trabalho, de legado, como o Ricardo falou que o esporte nos jogos vai ajudar o desenvolvimento. Nós temos um trabalho social. Esses dois garotos, tanto o Erlon como o Isaquias, como o pessoal do slalom que estarão nos jogos, saíram de projetos sociais. O Erlon e o Isaquias, especificamente do Segundo Tempo, do Governo Federal, em parceria com a Confederação, na época Segundo Tempo- Canoa Brasil, de 2007. Então é o tempo de um atleta aparecer e chegar à condição de medalha.

Nós temos, em Foz do Iguaçu, na canoagem slalom, o Instituto Meninos do Lago, ou Projeto Meninos do Lago, patrocinado pela Itaipu desde 2009. Esse projeto social tem atletas que estarão no Rio de Janeiro participando dos Jogos.

E com o investimento do Ministério, há uns 4 anos, nós investimos na formação da canoagem slalom na base.

Em 2006, numa segunda divisão que participava junto do campeonato principal numa metade da pista havia 15 embarcações participando, era nada. Em 2013, foram 211 embarcações, através de um trabalho de excelência de barcos, orientação e formação de professores e técnicos, e segurança na pista, buscando a massificação do esporte através da parte social.

Resultados históricos da canoagem. Nós temos a primeira medalha brasileira mundial em 1992 na canoagem slalom, uma medalha de bronze do Gustavo Selbach, de Três Coroas, Rio Grande do Sul, numa prova na Noruega.

Depois disso, a canoagem tem altos e baixos, problemas de recursos, não conseguimos viajar, não conseguimos treinar. A partir de 2011, vamos voltar um pouquinho atrás, graças a esta Casa, graças ao Governo, com a Lei Agnelo/Piva, conseguimos planejar.

Antes disso, com todo apoio do Ministério às Confederações, de vem em quando descobríamos que íamos viajar uma semana antes. Com a Agnelo/Piva foi possível que as Confederações se planejassem, e aí começa uma nova fase do esporte brasileiro, no meu ponto de vista.

Quando o BNDES procura a canoagem em 2011, encontra um esporte estruturado administrativamente, tecnicamente em desenvolvimento, mas



estruturado, porque a lei incentiva qualquer recurso público, se não tiver condições de prestar contas obtém por um ano, no ano seguinte não recebe, e o presidente é capaz de ficar complicado. Então a estrutura administrativa é fundamental e foi fator diferencial nisso.

Em 2011, o Isaquias, no Mundial Júnior, conquista a sua primeira medalha. Foram duas, na realidade, uma de ouro e uma de prata na C1 200 e na C1 1000, quer dizer, C1 500, mostrando que vinha para ficar.

Em 2013, no primeiro Mundial Sênior dele, ele sai com a medalha de bronze na distância olímpica e é campeão mundial na C1 500.

Quando falo em C1, K1, acostumado a siglas, a canoa tem a sigla mundial de "C" e o número é o número de participantes no barco. E no caiaque, o K, do inglês *kayak*, então K1, K2, K4.

No caso do Mundial da Alemanha, em Duisburg, o Isaquias conquista uma medalha de bronze no C1 1.000 metros, tendo como adversários dois medalhistas olímpicos de Pequim e um de Londres, o de Pequim em segundo lugar, e o alemão Sebastian Brendel em primeiro lugar.

O mesmo Isaquias é campeão mundial no C1 500m. No Mundial de 2014, o Isaquias domina a prova por 999 metros e vira, tem um erro de remada, (*ininteligível*) em matéria na *Globo*, um erro de remada e vira nos últimos 50 centímetros. E o Sebastian Brendel, que ficaria com a prata, ganhou de presente a medalha de ouro, e estava constrangido no pódio. Eu estava lá entregando as medalhas, e ele estava constrangido de receber a medalha porque viu que não ganhou, quer dizer, pela regra ganhou. Mas o Isaquias dominou e mostrou que vai buscar o Rio de Janeiro.

Nesse mesmo momento, aparece, pela primeira vez, a dupla Erlon e Isaquias, com bronze no C2 200m, que é uma distância não olímpica, mas já testando o barco para ver o que faríamos este ano.

As outras medalhas são da paracanoagem no Mundial.

Em 2015, na Itália, as duas vagas que eu comentei da canoa e duas medalhas: medalhas de ouro no C2 1000m, numa uma vitória tática impressionante, e a medalha de bronze no C1 200m. Duas provas olímpicas há 1 ano dos Jogos, com o mesmo atleta buscando as duas medalhas, uma batalha do Comitê Olímpico e da Confederação Brasileira de Canoagem, ele pode fazer as três provas. São 6



dias de competição, ele pode fazer tranquilamente as três provas, porque tem físico e técnica para isso. Vamos ver o que vai ser até chegarmos lá.

Nos Jogos Pan-Americanos, nós ficamos, felizmente, só atrás de vocês da natação em número de medalhas. A canoagem foi o segundo esporte com maior número de medalhas nos jogos: catorze medalhas, em dezoito provas. Eu não sei o percentual.

Ricardo, nós poderíamos conversar sobre percentual. *(Risos.)* Estou de brincadeira.

Foram catorze medalhas no total, sendo nove em canoagem de velocidade.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. JOÃO TOMASINI SCHWERTNER - Mas é uma provocação boa. Estamos em casa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Dizem que toda brincadeira tem um fundo de verdade.

O SR. JOÃO TOMASINI SCHWERTNER - Então, nós conquistamos catorze medalhas, sendo nove na canoagem de velocidade.

Na canoagem slalom, a Ana Sátila, que vinha se destacando, conseguiu no Mundial da Austrália de 2014, o Campeonato Mundial Júnior de Canoagem Slalom, que é o barco olímpico em 2016. E esse ano, em Foz do Iguaçu, ela foi vice-campeã de sub-23 no caiaque feminino. Nós, como equipe, mostrando o fator casa também, conseguimos quatro medalhas nesse campeonato. O nosso pessoal treina em Foz do Iguaçu, desde 2006.

Nos Jogos Pan-Americanos, provocando de novo o Ricardo, foram cinco provas na canoagem slalom, e nós fizemos cinco medalhas. Isso corresponde a 100%. No slalom, como eu falei, brigamos com Estados Unidos e Canadá pela supremacia no continente. Na prova da Ana, a diferença entre o primeiro e o terceiro lugar foi de 2 décimos. Foi muito aguerrida a prova, e o Canadá estava em casa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Ricardo, eu acho que ele quis deixar você falar primeiro, para ele poder... *(Risos.)*

O SR. RICARDO DE MOURA - Para quem fala primeiro, sempre é complicado.



O SR. JOÃO TOMASINI SCHWERTNER - Nós somos amigos. É brincadeira.
(Risos.)

A paracanoagem começa evoluir, de fato, no Canadá, em 2009. O Brasil faz paracanoagem desde 1999. O País foi um dos pioneiros no mundo a desenvolver a canoagem para portadores de deficiência. É uma alegria ver um cadeirante, que está em casa, sem fazer nada e achando que a vida terminou, ir para dentro de um caiaque e se sentir normal, como todos nós aqui. Dentro de um caiaque, se bobear, tem canoísta melhor do que qualquer um de nós aqui. Eles se sentem iguais e se tornam iguais. Esse é um fator que alegra a Confederação. E nós começamos em 1999 já com medalhas, já começamos a mostrar que o Brasil vinha para ficar.

Na Polônia, já com o esporte confirmado para o Rio de Janeiro, nós conquistamos três medalhas, uma de ouro e duas de prata; no mundial da Alemanha, três medalhas, duas de ouro e uma de prata; no mundial da Rússia, em 2014, duas de medalhas, uma de ouro e uma de prata. E, nesse mundial de 2015, na Itália, foram sete medalhas, sendo dessas três paraolímpicas e quatro não; três de ouro e quatro de bronze. E conquistamos duas vagas olímpicas.

Na questão da exposição em televisão, não temos toda a força da natação. Nós não temos esses milhares de federados, infelizmente. O esporte da canoagem é na água. Não nascemos na água, como bem disse o Ricardo. Ter um caiaque é um problema, ter uma estrutura náutica é um problema, e essa é uma deficiência que temos.

Há todo um retorno de imagem e de transmissões. Estamos com uma parceria muito boa com o *SporTV*, com provas mundiais sendo transmitidas.

Quanto à exposição de imagens, é do nosso interesse a divulgação dos nossos ícones: Fernando Fernandes; Luís Cardoso; Ana Sátilla; Fernando Rufino, o Cowboy; e o Isaquías, aqui na ponta, comemorando a medalha de bronze dele, no C-1 200m.

Obrigado pelo espaço. Eu espero ter transmitido que a canoagem quer chegar ao Rio, realmente, com chance de medalha e fazendo história.

Obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Obrigado, Dr. João Tomasini, da Confederação Brasileira de Canoagem.



Nós vamos passar a palavra agora ao terceiro expositor. Antes, porém, quero saudar o nobre Deputado Deley, um Deputado atuante na Comissão do Esporte. É um prazer e uma satisfação tê-lo aqui.

Com a palavra o Dr. Klayler, da Confederação Brasileira de Ginástica — CBG. Hoje, nossos palestrantes têm nomes difíceis de pronunciar.

O SR. JOÃO TOMASINI SCHWERTNER - Aproveitando a brincadeira...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Até o sobrenome é difícil.

O SR. JOÃO TOMASINI SCHWERTNER - ... o Presidente só leu Tomasini, não quis ler o meu segundo sobrenome. Ele passou direto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Baiano tem dessas coisas. Baiano sai, assim, pela tangente.

Com a palavra Dr. Klayler, pelo tempo de 15 minutos.

O SR. KLAYLER MOURTHÉ - Bom dia a todos.

Estou aqui representando a Confederação Brasileira de Ginástica, a Presidente Luciene, que muito contribuiu com a ginástica ao longo desses últimos dois ciclos, reestruturando completamente a Confederação, adotando um procedimento de gestão bastante profissional e fazendo toda a redistribuição financeira para trabalhar com todas as nossas modalidades.

A Confederação Brasileira de Ginástica é formada por sete modalidades, sendo que, dentre essas sete modalidades, quatro são olímpicas. Nós dividimos a ginástica artística em masculina e feminina; a outra olímpica é a ginástica de trampolim, que nós costumamos citar como uma só, mas que também existe nas duas modalidades, masculina e feminina; e a ginástica rítmica, que tem duas vertentes, o conjunto e o individual. Se nós levarmos em conta a separação em masculino e feminino, nós teríamos seis modalidades olímpicas: ginástica artística masculina e feminina, ginástica de trampolim masculina e feminina, ginástica rítmica conjunta e individual.

No caso da ginástica de trampolim, ainda temos as modalidades não olímpicas: o trampolim sincronizado — dois atletas saltam ao mesmo tempo —, o tumbling e o duplo-mini. A ginástica acrobática pode ser executada por dupla, trio e conjunto, e a ginástica aeróbica também pode ser individual, masculina e feminina, dupla, trio e conjunto.



A ginástica para todos que é uma vertente da ginástica não competitiva. Então nós não temos campeonato mundial de ginástica para todos, mas ela é um agrupamento dessas ginásticas e está mais ligada à participação e ao festival.

Nós administramos todas essas ginásticas que, se desdobradas em masculino e feminino e conjuntos, vamos parar em vinte modalidades, vinte situações diferentes.

Os recursos não são suficientes para todo o processo que a ginástica necessita.

Na ginástica artística masculina, como já havíamos comentado, o nosso principal expoente é o Arthur Zanetti. Pela primeira vez, a ginástica é campeã olímpica e ter um atleta campeão olímpico não é uma conquista só do Brasil, mas de toda a América Latina. No caso da ginástica, esta foi a primeira medalha olímpica.

A nossa maior expoente, em termos técnicos, na ginástica artística feminina é a Rebeca. A Rebeca, junto com o Zanetti, tem uma das maiores notas de partida do mundo. Isso significa que as séries são montadas com essa nota de partida, a nota de dificuldade e a nota de execução. A nota de partida é o máximo que valeria essa série, toda a parte material. Nós temos dois atletas entre os melhores do mundo.

A ginástica rítmica de conjunto, a cada ciclo olímpico, tem mudada a configuração dos aparelhos que participam das olimpíadas.

Estas são nossas cinco meninas de competição. Existem onze meninas treinando no Centro de Treinamento em Aracaju, e é extremamente importante que se tenha esse número maior de atletas, porque nós precisamos dessa configuração. Existe uma sexta menina que não está aí no *podium* nesse momento, que é a reserva. Ela viaja com a equipe e, se alguma atleta machucar antes da apresentação, ela entra no conjunto.

A ginástica rítmica individual é composta por quatro aparelhos. A competição pede massa fita, arco e bola, e a soma desses aparelhos tem uma outra medalha olímpica, que é o individual ao geral.

O trampolim. Estes dois são hoje nossos principais expoentes do trampolim: Camila Gomes, que está treinando em New Jersey, Estados Unidos, há cerca de 1 ano. Ela está treinando junto com alguns atletas da seleção americana; Ramires, que faz ginástica desde criança, como todos os outros atletas que começaram com



6 anos, 7 anos de idade — uma característica extremamente necessária para ginásticas por causa da sua alta complexidade técnica e da necessidade de desenvolvimento físico para atender todas exigências do alto rendimento mundial.

Na ginástica aeróbica, nós temos uma tricampeã mundial que hoje não treina mais. Mas estas conquistas pertenceram à reestruturação implantada a partir de 2009 e da redistribuição financeira para investimento em todas as modalidades da Confederação de Ginástica. Evidentemente, existem prioridades nesse processo, e essas prioridades estão ligadas às conquistas mundiais, às possibilidades olímpicas e às possibilidades no âmbito Mundial.

A ginástica acrobática é muito pouco difundida no Brasil, mas há nesse sentido um trabalho intenso da Confederação Brasileira de Ginástica, porque, evidentemente, é uma das nossas necessidades estatutárias e pertence a toda a reestruturação trabalhar com todas as sete modalidades de ginástica.

A ginástica para todos, como eu disse, não é uma modalidade competitiva. Ela tem todo o viés de festival, e existe um número considerável de participantes nessa modalidade. Da última Gymnaestrada, que seria o campeonato mundial da ginástica para todos, participaram do festival 700 brasileiros. O Brasil conta, na ginástica para todos, com um dia específico. Existe uma apresentação de gala, e o Brasil está entre os poucos países do mundo que conquistou esse direito de apresentação da ginástica para todos, por causa de toda a técnica, por causa de toda a organização no processo e da qualidade técnica da apresentação desses atletas.

Esta é a apresentação que já passei para vocês da ginástica artística. Uma apresentação rápida. A ginástica artística — quando falo artística, refiro-me a masculino e feminino — entrou para os Jogos Olímpicos em 1936, e as outras duas modalidades são relativamente novas nos Jogos Olímpicos: a rítmica, em 1984, e o trampolim somente em 2000. Em 2016, teremos a quinta edição de participação do trampolim. Antes de 2000, existiu outra Federação Internacional que se fundiu à Federação Internacional de Trampolim e passou integrar os Jogos Olímpicos.

A medalha do Zanetti em Londres.

A medalha tem um peso extremamente importante. Quando o Ricardo fala da diferença de um décimo de segundo na natação, nós temos um décimo de pontos. O



Zanetti foi campeão olímpico com a nota 15,900; o chinês, Yibing, está em segundo lugar, fez 15,808; e o italiano, com 15.725. Do Zanetti, campeão olímpico, ao sexto lugar nos Jogos Olímpicos, nós temos quatro décimos de diferença entre os atletas.

O título é feito por um detalhe, um detalhe extremamente pequeno. Por isso, por essa necessidade, e também por causa da complexidade técnica é que esses atletas precisam começar a treinar muito cedo, e nós temos toda a preocupação com as categorias de base e com a formação desses atletas.

Quando nós falamos de campeões olímpicos, no caso do masculino, falamos de atletas acima de 20 anos de idade, por causa da característica biológica de força física. Na ginástica artística masculina, esse nível de força e esse desenvolvimento vão acontecer depois dos 18 anos de idade, com estabilização a partir dos 20 anos.

Na ginástica artística feminina, é um pouco diferente. Por causa também da característica biológica, as meninas não terão tanta força quanto os meninos. A ginástica feminina tem características diferentes que não exigem esse nível de *performance* física, de força física que a ginástica masculina exige. Então, a idade é bem mais tenra. As meninas, de forma geral as melhores do mundo, estão entre 16 e 20 anos de idade.

Com algumas mudanças na Federação Internacional de exigência de idade mínima de 16 anos e início de profissionalização e com atletas recebendo salários e podendo viver da ginástica, essa idade se estendeu. Então, hoje, nós temos algumas atletas com idade bastante superior, a exemplo da Daniele Hypolito, que continua entre as melhores do Brasil. Viajaram, agora, para o campeonato mundial, e há uma chance extremamente alta de ela estar na equipe olímpica. Isso vai depender do desempenho dela neste campeonato mundial e nesses próximos 300 dias até os Jogos Olímpicos. Outra ginasta mundial, referência, é a Chusovitina, que participou da final olímpica em Londres, com mais de 30 anos de idade.

Então, essa característica tem mudado por causa das mudanças implementadas na Federação Internacional e principalmente por causa da profissionalização da modalidade.

Estas são duas atletas da Seleção: a Flávia, que tem uma competição extremamente acirrada com a Rebeca e foi vice-campeã olímpica da juventude, e a Letícia. Esta é a ginástica rítmica. Uma condição extremamente relevante da



ginástica rítmica é que nós somos pentacampeões pan-americanos. Ganhamos os Jogos Pan-Americanos desde 1999, em Winnipeg, e ratificamos esse resultado agora em 2015, em Toronto. Este é o nosso conjunto com a configuração de aparelhos da competição olímpica deste ano, três massas e dois arcos. Esta é Natália Gaudio, que já está classificada para os Jogos Olímpicos, nossa representante individual.

Esta é a ginástica de trampolim já com aquelas descrições do duplo-mini e sincronizado, que são modalidades não olímpicas. E estas são fotos desses nossos atletas em algumas das principais competições em que obtiveram essas conquistas: nosso bicampeão mundial Diego Hypolito, que também está nessa equipe em preparação para os Jogos Olímpicos de Londres.

E em relação aos Jogos Pan-Americanos, nós conquistamos 10 medalhas na sua última edição, cinco medalhas com a ginástica artística, masculina e feminina, e cinco medalhas com a ginástica rítmica com o conjunto individual, um resultado extremamente positivo, levando-se em consideração que, na nossa preparação de atletas para os Jogos Olímpicos, Toronto não era o nosso alvo principal.

Esta é a foto da conquista da medalha de ouro em Toronto pelas nossas ginastas do conjunto, e a da medalha de bronze também em Toronto pela nossa ginasta Flávia, com 1 metro e 35 centímetros. Eu acho que todo mundo a viu algumas vezes na televisão. Caio é um atleta do individual geral de extremo talento, da nossa preparação ao longo desses dois últimos ciclos de cuidado com alguns atletas, levando-se em consideração a nossa disponibilidade financeira, que não dá para atender as categorias de base da forma como precisa o infantil e o juvenil.

O Caio surgiu desse trabalho todo. Ele está no seu primeiro campeonato mundial e já com resultados expressivos no individual geral.

As nossas medalhas ao longo deste ciclo. Nós temos uma melhora da nossa preparação de 2009 até 2014 e entrando agora — não fechamos todo o ano de 2015 — uma melhora geral do número de títulos internacionais de 200%, levando-se em consideração as modalidades olímpicas. O número de títulos internacionais se tornou expressivo ao longo do investimento e da reestruturação administrativa e financeira que foi implantada a partir de 2009.



Houve não só uma melhora quantitativa nesse processo, mas qualitativa. Há de se destacar o título de campeão olímpico e todos os títulos inéditos em todas as modalidades olímpicas e também nas modalidades competitivas não olímpicas.

Pela primeira vez o Brasil foi campeão por equipe, foi medalhista, sendo vice-campeão mundial por equipe em um campeonato mundial com um duplo minitrampolim, que é uma modalidade não olímpica. Isso se refletiu em todas as modalidades. Isso aconteceu em todas as modalidades. Medalha inédita em Copa do Mundo na ginástica rítmica; medalha inédita em Copa do Mundo na ginástica de trampolim; título olímpico no masculino inédito do Arthur Zanetti; título olímpico no feminino com a Flávia Saraiva nas Olimpíadas da Juventude.

Parte desse trabalho da reestruturação foi com foco bastante voltado para a qualidade técnica de contratação de treinadores estrangeiros, mas com um viés muito diferente, que é a valorização dos treinadores brasileiros.

Nós sabemos que treinadores estrangeiros são muito importantes e fundamentais, mas são os brasileiros que vão dar continuidade a esse trabalho. A valorização dos treinadores brasileiros é fundamental para que a ginástica continue no seu desenvolvimento. Isso nesta gestão nós fazemos questão de que aconteça: uma valorização dos brasileiros para que a informação trazida pelos estrangeiros possa se disseminar pelo País, possa se disseminar pelos clubes, pelos treinadores e pelos atletas, para que isso possa dar frutos com as gerações futuras que estão sendo treinadas hoje.

Se pensarmos em Olimpíadas, estamos falando de 2016. Mas nós temos o nosso pensamento também para 2020 porque os atletas que vão competir em 2020 já estão treinando e os de 2024 também.

Nós iniciamos já este ano todo o processo de preparação do planejamento para 2024. Todas as confederações estão fazendo isso. O processo é capitaneado pelo Comitê Olímpico Brasileiro — COB Um dos professores é o Ricardo, que está aqui nos auxiliando bastante.

Nossos recursos vêm da Caixa Econômica, da Lei Agnelo/Piva, que, como Tomasini falou, foi fundamental para a reestruturação do esporte nacional. Acho que sem a Lei Agnelo/Piva nós teríamos sérios problemas em conquistar tudo o que nós conquistamos ao longo desses dois últimos ciclos.



Dentro desse processo de reestruturação, os centros de treinamento são fundamentais. A seleção treina no Centro Olímpico que está no Rio de Janeiro, mas a Confederação entende esse processo e entende que o Brasil precisava de muito mais do que isso.

Com muito esforço e com muito trabalho também do Ministério do Esporte junto com a Confederação, conseguimos fechar um projeto para equipar alguns centros de treinamento, para que fossem atendidas todas as regiões do País. Somos um País de 200 milhões de habitantes — hoje já se falando em 203 milhões de habitantes. A ginástica se concentrava basicamente no Sul e no Sudeste, com todas as outras regiões do País sem um atendimento.

O programa de reestruturação incluía isso: começar a desenvolver a ginástica em todas as regiões. Isso foi possível com esse projeto do Ministério. Claro que nós precisamos pensar nas categorias de base e na formação dessa massificação.

A Caixa Econômica, o nosso patrocinador máster, é um ponto fundamental nisso. Sem a Caixa Econômica e todo esse investimento nos centros de excelência. Hoje trabalhamos com cerca de 3 mil crianças nos centros da Confederação espalhados por todo o País, que, em parceria com as federações, fornecem parte dessa condição.

De forma geral, acho que é isso, a Confederação. Muito obrigado pela apresentação. Acho que agora estamos abertos às perguntas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Obrigado, Klayler, da Confederação Brasileira de Ginástica.

Nós vamos, agora, abrir espaço para as perguntas, mas gostaríamos de informar aos ouvintes que estão nos acompanhando agora pela internet que esta audiência pública foi proposta pelo Deputado João Derly, que está aqui, com o objetivo de debater a preparação da delegação dos atletas para as Olimpíadas de 2016. Então, todos os que estão nos acompanhando pela internet podem fazer suas perguntas para que possamos encaminhar aos expositores.

Eu quero já abrir espaço para o proponente do requerimento, que foi o Deputado João Derly. Durante e após a fala dele, eu estarei aqui já fazendo as perguntas que já nos chegaram dos internautas.

Tem a palavra o autor do requerimento, Deputado João Derly.



O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Presidente, obrigado. Se V.Exa. quiser iniciar pelas perguntas dos internautas, fique à vontade.

O SR. DEPUTADO HÉLIO LEITE - Ainda mais se entre eles houver algum eleitor gaúcho...

(Risos.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - V.Exa. está com a palavra.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Quero cumprimentar o Ricardo, o Klayler e o Tomasini. É uma satisfação recebê-los aqui na Câmara dos Deputados. Pelas explicações, aprofundamos um pouco o conhecimento referente às confederações e ao trabalho que cada uma faz em prol do esporte brasileiro.

Início diretamente pelas perguntas, para passar depois a palavra aos colegas que estão aqui.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Deputado, eu gostaria que fôssemos bem objetivos em nossas perguntas, porque já foi aberta a Ordem do Dia.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - O.K. Então vou tentar ser bem objetivo. Com referência aos esportes aquáticos, eu gostaria de saber mais sobre os objetivos de cada modalidade — como nado sincronizado e natação —, se há objetivos reais de medalhas, ou sobre as perspectivas de cada de cada modalidade. Eu gostaria de aprofundar um pouquinho isso.

Em relação ao legado, nós temos um problema hoje. Em nosso País, vemos um número grande de jovens que morrem por afogamento. Isso seria falta de quê? Seria falta de piscinas e de oportunidades de os jovens aprenderem a nadar? É uma modalidade importantíssima. Principalmente para a autodefesa, temos necessidade de aprender a nadar.

Também falta sabermos um pouco sobre competições e treinos até os Jogos Olímpicos. Até quando nós podemos ter atletas se qualificando para os Jogos Olímpicos?

Eu gostaria de saber um pouco mais sobre os valores de financiamento da Confederação. o que é que temos de destinação: Lei Piva, lei de incentivo de patrocinadores diretos? A respeito da detecção de talentos, eu acho que a renovação na natação é muito bonita e importante, e sadia para o esporte.



Passando agora para a canoagem, quero entender um pouco mais a estratégia no último mundial referente ao Isaquias. Eu sei que ele competiu em uma prova que não era a dele, e acabou conseguindo retirar — não sei se isso é real — alguns atletas que tinham potencial, e eles agora terão que tentar a sua classificação mais para frente. Isso é real? Foi uma estratégia da Confederação que acabou fazendo com que os atletas com chances... eu não sei qual era a prova. Desculpe-me, Tomasini, por eu não saber de fato qual foi a prova que ele correu. Eu gostaria de saber mais sobre essa ação, se ela foi produtiva ou não.

Quero saber sobre as provas, também, dos Jogos Olímpicos, e do Mundial. Eu sei que ele domina algumas provas do Mundial que não são realizadas nos Jogos Olímpicos. Pergunto se ele está fazendo a transição, a preparação. Por exemplo, houve a prova em que ele virou o caiaque na chegada, não é? Eu quero entender um pouco mais o Isaquias, que é um atleta diferenciado.

Há problemas que a Confederação tem, referentes à Lei Pelé, e agora, com a aprovação da renegociação da dívida, eu gostaria de saber se a Confederação vai ter a oportunidade de conseguir regular as suas contas, até para poder financiar. Eu sei que o senhor foi um dos mais ativos nessa luta para que pudesse também beneficiar as federações e confederações, fruto do problema que tivemos com a Lei Pelé.

Quais são as dificuldades e os desafios? Qual é a diferença em relação ao remo? Vocês têm problema com o material? Ele tem que ser importado? Há similar ou igual em nosso País, para que os nossos atletas possam ser competitivos?

Eu sei que há uma dificuldade enorme na questão de locais com corredeiras. Lá no Rio Grande do Sul temos a região de Três Coroas, que é uma região fortíssima, e nós temos ali também um centro de treinamento em Foz. Como podemos ajudar o desenvolvimento na canoagem slalom, se de forma local, ou temos a criação de outra forma de ajudarmos nisso?

Quais são os objetivos dos jogos e os treinamentos e competições até lá? Eu acho que essa pergunta também se destina a todos: quais são os objetivos também da Confederação Brasileira de Ginástica para os Jogos, os treinamentos e as competições vindouras?



Eu gostaria de saber um pouco sobre a ginástica rítmica. Por que Toledo é um polo de onde saem grandes referências? Eu queria entender um pouquinho mais porque o local se tornou um polo.

Também tem a questão do legado, sob a perspectiva do que queremos da ginástica lá na frente. Nós tivemos grandes nomes como a Daiane, depois veio o Diego Hypolito, a Dani Hypolito também, e hoje nós temos outros nomes surgindo. Como estão o trabalho e também o financiamento da ginástica e da canoagem? Precisamos conhecer um pouco mais como funciona esse financiamento.

Obrigado, Sr. Presidente. Eu tentei colocar o mais rápido possível as perguntas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Obrigado, Deputado. V.Exa. é sempre bem objetivo.

Eu queria aproveitar a oportunidade e transmitir a pergunta do Biron Sátilla Silva de Oliveira, do Rio de Janeiro, que vai para Ricardo de Moura: por que é que os atletas de alto rendimento precisam sair do País para treinar? Isso vai mudar depois das Olimpíadas? É a pergunta para o Sr. Ricardo.

O SR. RICARDO DE MOURA - É Biron, não é?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - É Biron. Deixe-me ir fazendo já uma rodada. Se o senhor quiser anotar, depois pode responder em bloco, por favor.

O Diego Comaneci, do Piauí, pergunta para o Sr. João Tomasini: Quero saber do João Tomasini qual foi a importância da participação do Governo para o fortalecimento e a massificação do esporte, em particular, da canoagem. E sobre as empresas privadas: as perspectivas de medalhas fizeram diferença no patrocínio?

Essas são as perguntas que já nos chegaram aqui. Vou passar a pergunta para o Ricardo. Eles a anotarão.

Deputado Hélio, quer fazer perguntas?

O SR. DEPUTADO HÉLIO LEITE - Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, quero primeiro parabenizar o Deputado João Derly por esta audiência pública, acho que é importante trazermos a esta Casa este debate, esta discussão.

Vou procurar ser bem breve e objetivo. Sou do Estado do Pará, volto a dizer aqui nesta Casa, e acho que é importante que possamos fazer uma discussão mais



ampla. Eu vejo, hoje, a Região Norte do País sem oportunidades de revelar novos talentos, de buscar a qualificação que é necessária.

Eu queria deixar aqui uma sugestão: já que nós não podemos construir, lá na Região Norte, um centro de treinamento, sugiro que vocês possam colocar no calendário de vocês programações de eventos lá no Estado do Pará. Assim nós poderemos, primeiro, difundir no restante do Brasil o que acontece aqui, e poderemos oportunizar isso às pessoas, para que tenham conhecimento, presença e, cada vez mais, o desejo de buscar ser um grande atleta. É evidente que isso é fundamental, porque nós precisamos.

Eu apresentei um requerimento nesta Casa, que agora foi aprovado, para que nós possamos discutir a questão da categoria de base. O alto rendimento está bem postado, está crescendo, tem planejamento, tem incentivo determinado e tem hoje um patamar diferenciado. Mas eu volto a insistir nesta Casa que se não trabalharmos a formação de novos valores, daqui a pouco não teremos o alto rendimento como queremos. Volto a dizer: é necessário que nós possamos também investir na formação de novos valores. É esta a minha opinião e o meu desejo.

E se for preciso fazer contato com o Governo do Pará para apoiar alguma competição, estarei à disposição.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Obrigado, Deputado Hélio Leite.

Com a palavra o Deputado Deley.

O SR. DEPUTADO DELEY - Obrigado, Presidente.

Primeiramente, eu quero agradecer a presença aos nossos convidados e também ao João Derly, que tem feito esse tipo de encontro com representantes de várias modalidades. Uma das perguntas eu fazia ao Ricardo, mas já foi feita. Aliás, me ligou aqui a mãe mais chata da natação, você sabe quem é. (*Risos.*)

(Não identificado) - A Rose.

O SR. DEPUTADO DELEY - A gente está muito distante ainda, quer dizer, vai demorar muito para que a gente mantenha os nossos atletas aqui. A gente sabe que o ambiente competitivo nos Estados Unidos é outro e mesmo outros países acabam encaminhando os seus atletas para lá. E está o nosso Thiago lá hoje. Mas está muito distante o dia em que a gente vai poder mantê-los no Brasil.



A segunda pergunta fica para os três: o repasse comprometido para o Projeto Olímpico tem chegado normalmente? A gente sabe que há uma crise muito grande, e conforme uma pergunta feita para o Tomasini, sem dinheiro, sem medalha, amigo, não tem jeito, ninguém faz milagre. Esses recursos têm chegado às mãos de vocês?

E para o Klayler a pergunta é a seguinte: era em Curitiba que vocês ficavam e agora estão em Aracaju? Eu gostaria de saber quantos centros de treinamento vocês têm.

Tomasini, outro dia a gente viu aí um pouco de distúrbio ou conflito, que não sei se foi sanado, em relação a alguns atletas. Aquilo já foi superado? O que houve na verdade?

É isso, Presidente, em princípio é isso. Se for preciso, a gente retorna com outras perguntas. Obrigado.

Vocês sabem que a gente está aqui no quarto mandato. É uma luta, e uma das nossas prioridades sempre foi o esporte. Continuo brigando com todos os Ministros sobre a questão de definir o modelo, para que a gente possa ter, acima de tudo e independente de quem esteja na Presidência da República, um caminho, assim como há nos Estados Unidos e nas grandes potências olímpicas. Obviamente, tudo começa na base. Se a gente não conseguir fazer essa pirâmide, vai ficar vivendo dessas aparições esporádicas ora na canoagem, ora na natação, ora na ginástica.

E qual vai ser o legado deixado, como vocês entendem, para cada modalidade? Como vocês pensam em fazer o aproveitamento desse legado?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Eu vou fazer mais uma pergunta vinda dos internautas à Mesa, antes de fechar, e depois a gente abre outro bloco de perguntas para poder seguir e não ter nenhuma perda.

O Diego Comanecchi, do Piauí, novamente pergunta para o Klayler: qual será o maior legado das Olimpíadas de 2016 para a ginástica: equipamento, espaço físico, tecnologia de treinamento?

Vamos começar à minha esquerda, com o João Tomasini respondendo às perguntas dos Parlamentares e também dos internautas.

O SR. JOÃO TOMASINI SCHWERTNER - Eu vou tentar casar todas as perguntas e seguir uma ordem, começando com o Deputado João Derly, sobre a



questão da estratégia no Mundial. A estratégia no Mundial não foi tirar o Isaquias da prova C1 1.000 metros. Nós sabíamos que seriam 2.000 metros, isso nos garantiria duas vagas e no mínimo a categoria C2 entre os seis primeiros, que eram as vagas que precisávamos conquistar. Além disso, se o Isaquias participasse do C1 1.000 metros, ele encontraria horários muito próximos, por isso foi ao C1 200 metros sabendo que tinha chance de obter medalha. Ele só não foi ouro nessa prova, Deputado (a segunda medalha de ouro), porque largou mal. Essa não é a distância dele, ele não tem a largada forte nos 200 metros. Ele é bicampeão mundial nos 500 metros. E aí, sim, ele abriu mão da prova não olímpica, porque a prioridade de Milão eram as distâncias olímpicas. Ele seria tricampeão do mundo em C1 500 metros. A distância olímpica não interessava. Buscamos as duas vagas no C2 1.000 metros, ganhamos e mostramos que ele pode obter medalha no Rio de Janeiro no C1 200 metros também. Então ele hoje é candidato, sim, a três medalhas nos Jogos, se participar das três provas. Isso depende do técnico, do treinamento dele.

A canoagem. A canoa foi colocada de tal maneira... E aí entra uma ação conjunta do Comitê Olímpico Brasileiro, do Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016 e da Confederação Brasileira junto à Federação Internacional. À época que eu era Vice-Presidente da Federação Internacional, nós brigamos para que as provas fossem de tal maneira que um atleta pudesse fazer, no mínimo, o C1 1.000 metros e o C2 1.000 metros, no caso do Isaquias. Então, nos dias 1 e 2, da canoagem, C1 1.000 metros; nos dias 3 e 4, C1 200 metros; e no último dia, o C2 1.000 metros. É possível. O Isaquias tem condições físicas e técnicas de participar das três provas com chances de buscar as três medalhas.

Segundo comentários do Comitê Olímpico, o último brasileiro a conseguir isso...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Desculpe-me, eu gostaria de pedir ao Deputado Deley, após a votação, que possa assumir os trabalhos para que também possamos ir lá e votar. Por favor.

O SR. JOÃO TOMASINI SCHWERTNER - Se não me engano, dois brasileiros conquistaram três medalhas nos mesmos jogos em 1920: de tiro alvo. Quer dizer, se o Isaquias participar das três distâncias — a gente não sabe, pois isso depende do técnico — e conquistar três medalhas, seja da cor que for, isso será



um destaque. E no C2 1.000 metros, como foi na minha exposição, a tática... Os poloneses estavam bravos na semifinal, porque os dois estavam conversando durante a prova. Dominaram os primeiros 500 metros, nos 250 metros seguintes os poloneses acharam que ganhariam a prova, e nos 750 metros o Isaquias, no meio da conversa, pensou: *“Agora vamos, agora é nossa hora”*. Ganhou com um barco à frente na semifinal, e na final, de novo, com a mesma tática, venceu a Hungria e a Polônia. Então esse C2 1.000 metros é candidato sim a ouro nos Jogos, pela capacidade que eles têm.

Avançando na questão da Lei Zico e da Lei Pelé, sobre a dívida que, infelizmente, essas duas leis trouxeram para o esporte brasileiro, informo que a Confederação está no Programa de Recuperação Fiscal — REFIS. Nós lutamos, sim, pela inclusão das Federações e de toda estrutura esportiva nessa nova lei de parcelamento. Nós não estamos utilizando essa nova lei, porque estamos utilizando o REFIS. Estamos hoje em condições, parcelando, por meio do REFIS, débitos tributários de 2009.

Nós lutávamos não só pelo parcelamento da dívida. Nós entendemos, continuamos a entender — e vou deixar o esporte daqui a alguns anos com essa convicção — que essa dívida não é do esporte brasileiro. Isso foi um presente de grego que nós ganhamos, pois houve fechamento de Federações por causa da dívida dos bingos. Nós não administrávamos os bingos, nós recebíamos um benefício de 7% e conseguimos uma dívida de 19% do movimento. É uma coisa absurda, mas não conseguimos mudar isso. Quando falamos em bingo, parece que estamos falando no demo, ninguém quer tocar no assunto. Eu acho que deveria haver uma anistia para as entidades desportivas, e não o parcelamento. Mas falar em anistia neste País, mesmo que seja para corrigir um erro, é um pecado. Então, nós carregamos esse pecado e vamos pagar durante 15 anos uma dívida que não é nossa. Nós pagamos porque, como disse o Deputado João Deley, sem dinheiro não se faz nada.

Há a lei de importação, aprovada nesta Casa, para os Jogos Olímpicos — e há outra lei que vence neste ano. É fundamental que ela seja renovada, porque sem equipamento não se faz esporte de alto rendimento. Isso vale não só na canoagem, mas também na ginástica, com os equipamentos, na natação, com os placares,



certo, Ricardo? Então é importante a renovação e, se possível, a fusão dessas duas leis. A nova lei, a Lei Olímpica, é muito simples quanto à importação. Tem um problema quanto ao valor do equipamento, porque com 5 mil reais não se compra barco náutico, nem remo, nem canoagem, nem vela, nada. Cinco mil reais são para tênis de mesa, para judô, para qualquer coisa, menos para a parte náutica dos esportes brasileiros.

As nossas metas na canoagem de velocidade são a esperança de medalha do Isaquias e do Erlon, como falei há pouco. Na canoagem slalom, há a participação da Ana numa final olímpica e ela já está dentro dos oito ou nove barcos da prova final. Ela tem condições, treinando no canal e usando o fator local, de brigar por medalha. Na paracanoagem, nós contamos com duas medalhas do Fernando Rufino na KL2, que é a categoria intermediária de deficiência. E na KL1 nós temos duas medalhas na mesma prova em Milão: a do Luis Carlos e a do Fernando Fernandes — ouro e bronze. Quer dizer, temos a expectativa de duas medalhas nos Jogos.

Sobre a questão do Pará, ou do Norte do País, nós entendemos que a bicicleta paraense é uma canoa. Essa é a verdade, pois lá o pessoal usa a canoa para se locomover, e isso vale para a Amazônia, Pará e toda a Região Norte. E nós estamos em negociação com o Ministério da Defesa para que o Exército e a Marinha possam usar suas bases como núcleo de base e o CIABA (Centro de Instrução Almirante Braz de Aguiar), em Belém, como centro regional para a Região Norte. O CIABA é um centro de formação de Oficiais da Marinha Mercante. Estamos negociando com o Ministério da Defesa uma interação para poder avançar, quer dizer, para conseguirmos os barcos, por meio do Ministério do Esporte ou por meio da Lei de Incentivo, e o apoio do Exército e da Marinha, através de suas bases.

Na questão da legislação eu tenho outra teoria, sobre a qual esta Casa deveria pensar. Não sei se é o Congresso que deve pensar sobre isso ou o País como um todo. Normalmente, os escritórios das Federações Estaduais cabem no porta-malas do carro — quando o presidente tem carro; às vezes é no bagageiro da moto. Enquanto os Estados não entenderem que para ter a base funcionando nós precisamos de competições estaduais, não estaremos presentes nos 27 Estados, como estão a natação e, seguramente, a ginástica. Nós estamos em 17 Estados do País e começamos a implantar mais três ou quatro Federações. Mas são



Federações fracas, cujo presidente trabalha numa empresa e à noite tira duas horas da família para tentar se dedicar à atividade. Ele não tem condições ter uma secretária, de fazer uma planificação, e não tem apoio para fazer um campeonato estadual. Lutam com uma garra que é normal no esporte. Enquanto o Brasil não entender que as Federações têm que ter o apoio que nós temos hoje através da Lei Agnelo/Piva e toda uma situação, não adianta falar em Lei de Incentivo para uma Federação Estadual que não consegue tirar uma certidão, pois só para ter uma certidão já quebra o bolso do presidente. Então a base passa por aí para as Prefeituras e os clubes terem condições de desenvolver.

À pergunta do Diego eu respondo: sim, o Ministério do Esporte ajudou na nossa massificação. Nós estamos falando do Erlon e do Isaquias. São produtos do Segundo Tempo/Canoa Brasil, de 2007. O Isaquias veio diretamente do projeto, Erlon veio de Ubatã — herança do projeto, que terminou depois de dois ou três anos. E três dos nossos atletas que estarão na canoagem slalom nos Jogos Olímpicos Rio 2016 saíram do Projeto Segundo Tempo, do Navegar e do Navega São Paulo. Então, esses projetos sociais que o Governo social banca são importantes sim, se tiverem um nível II; se for só projeto social por social, isso não avança na parte esportiva. Nós precisamos ter um projeto social e uma associação de esporte que tenha o projeto e dê continuidade técnica para esse talento. E isso Ubatuba fez bem, apesar de todas as dificuldades da associação. O senhor conhece a sede da associação. Nós estamos trabalhamos com o Ministério para resolver a região da Bahia. Então, ajudou e muito.

Para o projeto que eu demonstrei, há pouco, na canoagem slalom, em 2009 e 2010, num convênio com o Ministério, nós cedemos barcos a quatro cidades — para o campeonato de segunda divisão, 15 barcos; de primeira divisão, 60 barcos. Nós chegamos em 2013 com os 160 barcos na primeira divisão e quase 211 barcos na segunda divisão. Quer dizer, o Slalom, que não existia — até 2006 e 2007 já existia um grupo pequeno —, passa a ter um nível maior através de uma ação do Governo Federal.

No que diz respeito às empresas privadas, nós conquistamos o patrocínio da GE. Foram vários os fatores. Sem dúvida, os resultados que o Brasil começou a conquistar internacionalmente a partir de 2011 foram a diferença. E mais. A



possibilidade de a CEE colocar na modalidade a ciência do Centro de Desenvolvimento e Pesquisa do Rio de Janeiro, um centro de pesquisa no Rio de Janeiro que custou mais de 1 bilhão de reais — a GE... São 800 no mundo, um deles está na Ilha do Fundão —, foi um dos fatores. Estamos trabalhando com esse centro de excelência para botar ciência na canoagem. Então, não foi só a questão do resultado, mas a possibilidade e a abertura da confederação para trabalhar com ciência.

Deputado, sobre a questão do boicote...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Deley) - *(Manifestação fora do microfone.)*

Foi conflito.

O SR. JOÃO TOMASINI SCHWERTNER - É conflito. Mas foi boicote. Eu até hoje não entendi isso. Vou tentar explicar o que eu sei, pelo menos o que aconteceu com eles.

Desde 2013 eles estão assistidos pelo Bolsa Auxílio, Bolsa Educação do nosso patrocinador, Lei de Incentivo. Esse recurso de bolsa era limitado pelo Ministério do Esporte, Lei do Incentivo, ao valor do Bolsa Atleta. Com a entrada do Bolsa Pódio, os atletas que estão dentro do Bolsa Pódio podem espelhar o valor numa bolsa patrocinada. Eles receberam esse recurso até dezembro de 2014, quando saíram de São Paulo, em setembro de 2014, para Lagoa Santa. Como a aprovação e o trâmite do projeto de Lagoa Santa levavam, no mínimo, 6 meses, o Comitê Olímpico bancou esse projeto e, em novembro, nós sabíamos que o projeto via Lei de Incentivo não entraria em janeiro, com o nosso patrocinador oficial, o BNDES.

Nós fomos ao Comitê Olímpico. Iria haver uma interrupção na bolsa. Nós precisávamos que o fundo de reserva, que o Comitê Olímpico, não só bancasse a estrutura, mas também mantivesse os atletas, e assim foi feito. Então, os atletas estavam assistidos, recebendo cada um deles 11 mil reais por mês, descontando o imposto de renda — eu não sei o valor do imposto de renda para o valor de 11 mil. Mas acho que eles ganhavam em torno de 8 mil reais líquidos. Ninguém é campeão do mundo sem ser assistido. Então, eles tiveram todo o atendimento.

Meu amigo, Deputado Deley, eu não entendi até hoje o que aconteceu. Nós estamos buscando um entendimento com eles. Hoje *(ininteligível)* em Lagoa Santa



para assinatura de um contrato para que eles passem, a partir..., porque o dinheiro do BNDES, da Lei do Incentivo, está na conta esperando o começo das atividades em Lagoa Santa, com a Lei do Incentivo.

Então, espero que essa negociação que está acontecendo neste momento mesmo, às 11 da manhã ou meio-dia, em Lagoa Santa... Estão conversando com os atletas para assinatura dos contratos e o encaminhamento.

Então, eu até hoje não entendi o motivo. Um dia talvez eu o entenda. Mas nós temos uma meta: a medalha. Muitos disseram que, como a confederação não penalizou os atletas, não os puniram, não os expulsaram, o culpado e o mentiroso é o Presidente da confederação. Nós somos sempre culpados. Isso é normal. Eu tenho certeza de uma coisa: a confederação visa à medalha. Nós estamos tentando resolver isso e mostrar o que vai acontecer.

Por último, há a questão do legado, o mais importante dessa história. Nós somos duas modalidades olímpicas. Há Deodoro e a Lagoa Rodrigo de Freitas. Na Lagoa Rodrigo de Freitas, se nós conseguirmos do Governo do Estado do Rio ganhar um espaço para a canoagem existir lá dentro, eu já estaria realizado. Lá é a catedral do remo, e a canoagem não consegue entrar de maneira efetiva. Se nós conseguirmos o espaço...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Deley) - Mas foi pedido?

O SR. JOÃO TOMASINI SCHWERTNER - Há mais ou menos uns 10 anos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Deley) - Qual o argumento para não conseguir isso?

O SR. JOÃO TOMASINI SCHWERTNER - Há clubes lá que têm domínio. São seis boxes. Sem boxe, sem o espaço, não se bota o barco na água. Para levar um barco toda hora para a água... Muito menos um K4 de 11 metros. Ou se deixa no lugar ou não se usa. O remo entende que aquilo é deles. Eles começaram... É um esporte mais antigo. Começaram lá em 30 ou 10 ou menos, lá no início século passado. Foram a Fundação do Vasco, do Flamengo e do Botafogo... A canoagem é um subesporte e não deve entrar. Esse é o pensamento do pessoal que luta por nós.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Deley) - Se não for lá, haveria outra alternativa?



O SR. JOÃO TOMASINI SCHWERTNER - Honestamente eu não estou preocupado com... Espero que a canoagem carioca tenha esse legado. A Seleção Brasileira nunca vai estar na Lagoa Rodrigo de Freitas. Há a frase “nunca diga nunca.” Mas nós não projetamos isso. Estamos finalizando o projeto de construção do nosso Centro de Treinamento, com recursos incentivados do BNDES em Curitiba, na nossa sede. Vai ser um prédio de uso misto. Lá o remo vai ter um local... Pelo acordo da Prefeitura, vai haver um local para remo. Não sou ciumento com a lagoa ou com o parque. Nós temos um prédio por 25 anos, o Calei Manda. Então, canoagem e velocidade... A nossa meta não é lá, não é a lagoa. Mas espero que a canoagem carioca possa usufruir isso.

Deodoro... Eu vou entrar na questão dos pontos de prática em seguida. Será um dos melhores canais do mundo. Já está funcionando. Já houve o acionamento das bombas. Como eu falei na minha apresentação, nós entramos para treinar lá, se possível, esse mês ainda. São pequenos detalhes. Estamos alugando casas perto de Deodoro, num condomínio fechado, para dar segurança para o nosso pessoal. O Prefeito negociou com o Governo.

Hoje eu entendo, Prefeito Eduardo Paes... No início, eu estava chocado com as declarações e com a visão dele. Numa conversa com ele sobre o legado... No mundo todo, o Canal Slalom funciona como privado. A empresa de *rafting* vende o horário de *rafting* e vai mantendo tudo. Deodoro não funciona assim. Deodoro, palavras de quem conhece o Rio de Janeiro — eu não o conheço; sou um gaúcho morando em Curitiba que vai para o Rio de Janeiro a trabalho e para passear... O pessoal não vai a Deodoro para fazer *rafting*. Então, aquilo vai ser um parque público. Hoje eu concordo e entendo perfeitamente: o que nós estamos buscando — já estamos bem avançados, com o Ministério do Esporte e o Comitê Olímpico Rio 2016 ajudando-nos nessa luta — é que esse parque seja público e esportivo. É possível conciliar... Já se mostrou isso ao Prefeito. Ele já entendeu isso. Então, sim, nós teremos um legado. Já temos dois mundiais conquistados para o Rio de Janeiro, para esse canal, o Mundial de 2017 e o Canal de *Free Style*, que não é olímpica, e em 2018 a canoagem Slalom, que é olímpica. Somos candidatos ao Mundial de 2019 Sub-23 e Júnior lá também.



Então, nós não deixaremos Foz do Iguaçu de maneira nenhuma. Foz é nossa casa. A Itaipu nos recebeu de coração aberto desde 2016, o Dr. Samek e toda a equipe dele. Nós continuaremos em Foz com uma equipe de desenvolvimento Sub-23 e a equipe principal no Rio de Janeiro, com o Projeto Meninos do Lago, em Foz, e Meninos do Rio, no Rio de Janeiro.

Então, Deodoro é o nosso legado. Nós iremos aproveitar isso e iremos trabalhar em parceria com a Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro e com o Ministério dos Esportes, trazendo eventos e fazendo o Slalom, sim, chegar ao pódio do Brasil.

No que se refere à questão dos equipamentos, esperamos que os equipamentos que vêm não saiam, os caiaques, o material de partida. Há toda essa questão.

Canais... Na canoagem... Velocidade... Eu falei de Curitiba. A canoagem é uma velocidade muito mais simples de realizar do que o remo. Um lago resolve o nosso problema, e não faltam lagos em todo o Brasil.

Os senhores estavam no plenário quando eu falei sobre a questão do Pará, da Amazônia. A bicicleta de lá é uma canoa. Então, nós queremos aproveitar essa questão genética e poder avançar.

Na questão do Slalom, temos Piraju como um dos destaques do Brasil. A cidade de Três Coroas, de que o Deputado (*ininteligível*) falou há pouco. O Glicério, em Macaé, é um local que, infelizmente, não tem continuidade, mas é muito bom. Infelizmente, entra um Prefeito que apoia, mas sai o Prefeito e entra outro que tira o apoio.

Primavera do Leste, da onde saiu a nossa Ana Sátila..., o Parque Radical... e, apesar do nome, não tem nada a ver comigo, a cidade Tomazina, no Paraná, que, no mês que vem, recebe o Campeonato Brasileiro de Canoagem Slalom... É uma homenagem à mulher do Capitão Tomaz. Mas vai explicar lá fora que há canoagem na cidade de Tomazina e não é a minha...

Eu acho que era isso. Obrigado pelo espaço, obrigado pela oportunidade de trazer a opinião da canoagem brasileira nesta Casa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Deley) - Obrigado, Sr. Tomasini.



Eu vou rapidamente direto ao Sr. Ricardo de Moura para que ele possa também responder às perguntas.

O SR. RICARDO DE MOURA - Obrigado.

Eu vou começar pela questão do legado. Que legado o ano de 2016 deixa? Isso aqui já é um legado. Esta discussão aberta, franca e transparente sobre os procedimentos, os conhecimentos e a divulgação já é um legado.

O segundo ponto importante do legado é a educação esportiva sobre o esporte. Hoje temos grandes veículos de comunicação, que chegam a todo o mundo. Mas a valorização é entender o que é um finalista, o que é chegar a uma final. Qual é a educação esportiva que nós temos? Nós temos o legado tangível e o intangível. São legados que vão ficar.

A preparação olímpica foi um grande legado. O Governo colocou o esporte dentro do planejamento estratégico. Se não mantivermos isso dentro do planejamento estratégico, corremos um risco grande. Então, para todo esse investimento feito, se ganha um lado intangível, forte da sociedade e depois se cria uma expectativa muito forte sobre tudo isso. Isso tem que continuar dentro do planejamento estratégico do Governo.

As instalações esportivas são um dos legados. Qual é o risco? A construção é um legado, e a manutenção é um risco. Então, se não se mantém, se não há um esporte dentro do seu planejamento estratégico, construir-se-á e haverá problemas para mantê-lo. Isso nós vimos no mundo inteiro. Isso é um problema sério.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Deley) - Sr. Ricardo, desculpe-me. Só para que inclua na exposição, fale-nos um pouco sobre o Centro Aquático Maria Lenk.

O SR. RICARDO DE MOURA - Sobre o Centro Aquático Maria Lenk o problema é o seguinte. O Comitê Olímpico Brasileiro fez um trabalho excepcional nos últimos anos — excepcional — de aproximação. Aliás — aliás — nós só vamos conseguir chegar a 2016 com a aproximação dos setores todos, inclusive com isto que está acontecendo aqui. Eu acho que despertou o interesse. Todo mundo têm aí a sua veia política, prática, definitiva.

O Maria Lenk é um centro que teria um final muito pior do que tem hoje, se o Comitê Olímpico Brasileiro não o abraçasse. O Maria Lenk é disponibilizado para os



clubes do Rio de Janeiro. Poderíamos utilizar o Maria Lenk de uma forma maior? Poderíamos, mas...

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - O Time Rio utiliza também o Maria Lenk?

O SR. RICARDO DE MOURA - Isso. Vários esportes o utilizam: o *taekwondo*, o nado sincronizado, a ginástica. O Maria Lenk hoje está diversificado. Ele diversificou. Na construção do Maria Lenk, lá atrás — lá atrás —, não houve uma pergunta sobre como construir o Maria Lenk, o que não foi culpa do Comitê Olímpico Brasileiro também. Mas podia ter havido algumas modificações.

O custo de manutenção dele é alto, é forte, mas ele faz e cumpre o seu papel. Sempre se pode cumprir melhor o papel. Sempre se pode cumprir melhor o planejamento estratégico. Depende de recursos e distribuição. Continuo dizendo o seguinte: se ele vier para atender ao esporte, dentro do planejamento estratégico do Governo, outras opções e braços nós vamos ter. Outros Maria Lenks vão ser construídos de uma forma menos glamourosa, menos complexa, mas que atenda diretamente ao esporte.

Por exemplo, Deputado Deley, o secretário Ricardo Leyser já falou que a confederação vai colocar a destinação das piscinas temporárias que nós vamos ter. Isso é fundamental. Então essas piscinas temporárias terão que ser remodeladas junto com o patrocinador, que é a (*ininteligível*), para colocarmos...

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Desculpe-me, Sr. Presidente.

A piscina temporária é a dos jogos?

O SR. RICARDO DE MOURA - É a dos jogos.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - É a dos jogos?

O SR. RICARDO DE MOURA - É a dos jogos. Já foram compradas.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Sim.

O SR. RICARDO DE MOURA - Vamos dar a destinação delas para o País.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Ainda não estão destinadas?

O SR. RICARDO DE MOURA - Não estão destinadas ainda.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Entendi.

O SR. RICARDO DE MOURA - Mas, por exemplo, vamos destiná-las, né? Existia um projeto anterior do Governo de 20 piscinas temporárias para serem



destinadas ao País. Nós já havíamos feito uma ordem de prioridade, e as coisas não funcionaram. Há agora cinco piscinas. Essa destinação é fundamental.

A Bahia está construindo agora a sua piscina. É um grande centro de desenvolvimento de valores de atletas e sempre foi. Agora vai ter a piscina construída, e, neste ano ainda, será inaugurada.

Então, são esses fatores importantes que vão mobilizando todo o País. Quando se fala de esporte de base, há outra coisa importante: que espaço cada uma das instituições ocupa? Isso é fundamental. Há uma confusão muito grande de determinadas coisas que estão sendo imputadas às confederações, quando não são as confederações as responsáveis por isso. Há determinadas coisas que são do Governo. Há determinadas coisas que são de outras instituições e estão sendo absorvidas. Por exemplo, os jogos escolares que o COB acabou... Isso não era objetivo precípuo do Comitê Olímpico Brasileiro. Então, os papéis estão se confundindo. É muito importante a definição dos papéis de cada um, de cada instituição nesse processo.

Continuando a falar sobre o legado, isso eu particularmente acho que é um legado, e devemos lutar juntos. A manutenção do Ministério do Esporte é fundamental, certo? É fundamental.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Deley) - Desculpe-me, Sr. Ricardo.

Eu estou no meu quarto mandato, Sr. Ricardo. Eu sempre falava: tente mexer com a cultura para ver no que é que dá. Eu sempre falava isso. O Ney Latorraca — eu me lembro — uma vez falou assim: *“Eu vou ficar pelado lá na frente do Palácio”*.

Nós somos — desculpe-me, mas eu me incluo — uns imbecis, pois não conseguimos nos mobilizar. Essa é a grande verdade. Eu incluo todo mundo. Nós nunca conseguimos nos mobilizar de verdade na cultura. Mexam na cultura para ver? Agora, no esporte, para reunirmos atletas para vir aqui discutir e brigar... Se eu venho aqui é para fazer caras e bocas e só serei lembrado para vir tirar foto. Aí é um problema nosso. É uma deficiência nossa.

O SR. RICARDO DE MOURA - Eu acho que a transparência e até essas coisas são importantes na discussão ampla. Isso é um legado. Isso é um legado! Isso é importante. O esporte tem que ter a sua personalidade, a sua característica.



Qual é o fator importante para a sociedade brasileira? O esporte, hoje, ocupa um lugar importantíssimo na sociedade brasileira.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Sr. Ricardo, eu acho que o Sr. João também quer fazer uma complementação da fala do Deputado Deley. Peço só 1 minuto.

O SR. JOÃO TOMASINI SCHWERTNER - Obrigado, Deputado.

Sobre essa questão da união, eu pego nessa questão da dívida dos esportes brasileiros. Quantas federações estaduais fecharam? Quem se mobilizou? Eu, há 8 anos, no Ministério, ou há 6 anos — não me lembro o nome da pessoa, porque ele foi um meteoro no Ministério, entrou e saiu rápido —, lutava pela questão da anistia, e, um dia, ele chegou para mim: *“Tomasini, se eu fosse você, eu saía fora disso, porque a Receita vai te pegar e vai te virar de cabeça para baixo, porque você está buscando a anistia”*. Eu estou lutando pelo meu esporte! Eu estou lutando para sanarem uma injustiça! Eu não vou desistir e não desisti, como falou o Deputado João Derly. Eu lutei pela questão do parcelamento. Eu luto pela anistia e não pelo parcelamento. Nós não devemos esse dinheiro. O esporte foi enganado com esse negócio dos bingos. Então, hoje há parcelamento. Algumas entidades podem usar e outras não podem. Outras continuam mortas.

Desculpe-me, Deputado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Eu retorno a palavra ao Sr. Ricardo.

O SR. RICARDO DE MOURA - Sobre as expectativas para os Jogos Olímpicos Rio 2016 levantadas pelo Deputado João Derly, como nós temos muitas modalidades, cada uma delas tem o seu quadrado e a sua disputa. Aí há a cultura esportiva.

Afinal, o dueto do nado sincronizado está entre as oito na equipe, e o dueto, entre as 12. O polo aquático masculino, que foi um dos grandes investimentos que fizemos neste ano, está com uma equipe forte. Terceiro lugar... Isso é cultura do mundo, né? Isso é cultura do mundo. No esporte, então, nem se fala. *(Riso.)* Então, o polo aquático masculino, na verdade, com um sexto lugar, dentro do cenário internacional, é muito forte. O polo aquático feminino está em oitavo. Nos saltos ornamentais, a dupla feminina, que foi medalha de prata nos Jogos Pan-



Americanos, ocupa uma posição de destaque e talvez chegue às finais. Nas maratonas, nós temos dois atletas que foram os melhores do mundo, em 2014. São dois baianos: a Ana Marcela e o Allan do Carmo. Temos mais a Poliana. Aí existe chance de medalhas.

O homem é muito ruim para fazer previsão. Ele é horrível para fazer previsão, como eu falei. Há aquele negócio: *“Quantas medalhas você vai ganhar?”* Quando terminar, falamos, porque hoje 10 quilômetros são decididos em décimos de segundo. Chegam juntos. Então, é muito complicado, mas existe chance da natação melhorar as condições que já tivemos de duas medalhas e seis finais para que ocupemos, no mínimo, a mesma posição. Essas são as perguntas. Eu as respondi, Deputado João Derly? Acho que sim, está bem?

Sobre os recursos, nós estamos fechando os orçamentos todos. É muito difícil falar em valores globais. Fechamos agora na semana passada. Houve um impacto muito grande. Alguns riscos nós vamos correr. Quais são os riscos até os Jogos Olímpicos Rio 2016? Os resultados esportivos são um risco. Todo mundo corre o risco, por mais planejamento que se tenha. Uma das coisas que nos salvou foi termos tido um planejamento estratégico desde 2010. Nós seguimos e estamos seguindo o planejamento estratégico. Então há uma linha, uma conduta, mas o impacto grande que temos do risco foi a alta do dólar. Agora, nós temos outro risco que é o de produtos e serviços, que estão em progressão geométrica. Os próprios campeonatos brasileiros estão com uma dificuldade muito grande de realização.

Quero lembrar aos senhores que a Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos tem 29 campeonatos brasileiros e 25 ações internacionais, que foram realizadas, em 2015, com muito sacrifício. Só poderíamos realizar isso, mesmo, com impacto disso tudo no orçamento. Do nosso orçamento, nós temos 32,5% para os Correios; 26,2%, Projeto Medalha; 10,4%, Lei Piva; 8,83%, verbas ordinárias de outros patrocinadores; 7,66, Lei de Incentivo ao Esporte; 14,36%, SICONV. Então, se nós não tivermos essa união, essa busca constante...

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Qual é o montante?

O SR. RICARDO DE MOURA - Eu estou fechando agora. Vou fechar o orçamento agora, mas é mais ou menos uns 6 milhões de dólares.

(Não identificado) - De dólares?



O SR. RICARDO DE MOURA - São dólares.

O SR. DEPUTADO DELEY - Sr. Ricardo, em relação à última Olimpíada, qual é a diferença?

O SR. RICARDO DE MOURA - Não houve um aumento significativo.

Falta ainda fechar outros pontos, mas esse valor de investimento vai ser maior. Eu falo já em dólares, porque não adianta. Hoje nós temos 25 ações internacionais. Isso vai variar entre 6 e 10 milhões de dólares. Esse é o valor do arrecadado.

Outra coisa que foi perguntada outro dia foi o seguinte: *“O que você recebe é suficiente? Você acha muito ou pouco?”* Ou é suficiente ou não é suficiente para o esporte de alto rendimento. É claro.

Ao falar sobre o esporte de base, nós temos 32 competições só na natação entre regionais e nacionais. Nós temos um problema sério, hoje, na realização desses eventos todos, porque eles estão extrapolando os nossos orçamentos. Uma coisa importante do Pará é que o campeonato sul-americano de 2014 foi feito no Pará, e este ano nós tivemos um campeonato brasileiro feito no Pará também. Mas eu acho que é muito importante, já que ele citou, que nós consigamos falar, principalmente, sobre a situação das instalações nos Estados. Então, foi isso exatamente o que eu falei. Construir a instalação é uma coisa e fazer a manutenção dela é outra completamente diferente, que é um dos legados.

Quais foram as outras perguntas?

O SR. DEPUTADO DELEY - Eu perguntei se está muito distante de mantermos os nossos atletas...

O SR. RICARDO DE MOURA - Hoje, dos 32, só 15% da Seleção Brasileira treinam fora do País. O resto está aqui dentro. Isso em função de quê? Dos investimentos que foram feitos, das leis criadas. Temos hoje a Confederação Brasileira de Clubes, temos a Lei de Incentivo ao Esporte. Os grandes clubes todos já recorreram à Lei de Incentivo ao Esporte, melhoraram muito as instalações esportivas. Não temos técnico estrangeiro. Temos um no Minas, mas não dentro de um contexto em que haja uma dependência muito grande dessa cultura.

O SR. DEPUTADO DELEY - A Confederação não achou isso interessante?

O SR. RICARDO DE MOURA - O quê?



O SR. DEPUTADO DELEY - Essa questão de treinador estrangeiro.

O SR. RICARDO DE MOURA - O técnico brasileiro eu reputo como um dos melhores do mundo. O nosso Thiago Pereira ganhou a medalha com um técnico brasileiro. Sempre é muito interessante trocar ideias.

Outro ponto é que nós temos o Conselho Técnico Nacional de Natação. Todos os anos, o Conselho Técnico Nacional de Natação se reúne com representantes do Brasil inteiro para fazer o planejamento do ano seguinte, revisar, organizar e fazer o planejamento do ano seguinte.

Então, essas são as nossas considerações. Não sei se eu respondi todas as perguntas. Faltou alguma, Sr. Presidente? Faltou alguma, Sr. Deputado?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Vamos aqui adiantando, enquanto ele revê, porque estão chegando algumas perguntas.

O SR. DEPUTADO DELEY - Ricardo, me explique uma coisa. Hoje o que eu menos falo aqui é de futebol. Eu me apaixonei, tive chance de ser Secretário de Esporte. Acho que hoje eu brigo muito mais pelos outros esportes do que propriamente pelo futebol, até porque eu já estou meio desesperançoso daquele trem lá, entendeu? Mas me fale uma coisa...

(Não identificado) - Você tem que saber o que vão fazer com a camisa do Ronaldinho.

O SR. DEPUTADO DELEY - Como é?

(Não identificado) - O que vão fazer com a camisa do Ronaldinho. *(Risos.)*

O SR. DEPUTADO DELEY - *(Risos.)* Não me faça essa pergunta. Se, um dia, eu for Presidente do Fluminense, pode deixar que você não vai ter esse tipo de problema.

Nós sabemos que, quando houve o negócio da Copa do Mundo, ali na minha cabeça, houve um mau encaminhamento, tanto na questão do Célio de Barros quanto do Júlio Delamare. O que houve ali? Realmente, se tivesse conversado com vocês, porque, como se diz nos Estados Unidos, sem *parking*, sem *business*, porque o grande fator daquele espaço ali sempre foi o Maracanã. Quer dizer, conduziram mal aqueles *(ininteligível)*? Não chegaram a vocês, por exemplo, e disseram: “Olhem, antes de eu tirar vocês daqui eu vou levar vocês para ali”. Foi isso,



realmente, o que aconteceu ou houve radicalismo por parte do povo da Natação, do Atletismo?

O SR. RICARDO DE MOURA - Não, eu acho que houve...

O SR. DEPUTADO DELEY - É uma história que sempre ficou na minha cabeça. O Maracanã hoje não vai ter estacionamento, assim como o pessoal do Atletismo não tem onde treinar, apesar de nós já estarmos fazendo uma arena em Volta Redonda, com a chancela internacional, e um ginásio de Ginástica Olímpica, e lá nós já fazemos o trampolim. Mas, só para terminar, é uma curiosidade minha, Sr. Presidente.

O SR. RICARDO DE MOURA - Olha só, eu acho que foi uma grande falta de comunicação. Não vou falar muito do Atletismo, porque o Presidente Coaracy foi um herói nessa história. O Júlio Delamare está lá, inclusive, e não foi demolido muito em função do que aconteceu. Hoje o Júlio Delamare está entregue à Casa Civil. Então, eu acho que faltou comunicação, faltou, bem claramente, uma visão do projeto. Eu acho que foi um projeto intempestivo, ele não veio de uma forma organizada. “*O Júlio Delamare vai sair daqui, e vai para outro lugar*”. Sim, então, constrói em outro lugar e, depois, tira o Júlio Delamari daqui. Portanto, faltou comunicação, faltou planejamento, faltou organização.

Eu acho também que isso impactou bastante, pela localização, pelas atividades todas. Era, inclusive, o que mais atendia a terceira idade. As pessoas mais revoltadas foram as da terceira idade. Então, todos os preceitos do esporte estavam voltados para isso. Eu acho que faltou isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Vamos agora ouvir o Sr. Klayler Mourthé, é isso mesmo? Com a palavra o Sr. Klayler.

Há mais algumas perguntas, que faremos daqui a pouco. E, se alguém da plateia desejar encaminhar à Mesa alguma pergunta, fique à vontade. Ou, se desejar, poderá fazer daí mesmo, quem quiser. Mas peço que sejam bem objetivos.

O SR. KLAYLER MOURTHÉ - Em relação às perguntas que foram feitas e para não ser repetitivo — obviamente, eu concordo com muitos dos pontos que foram colocados pelo Ricardo e pelo Tomasini —, eu gostaria também de iniciar com o legado, porque o legado é a estrutura básica de todos os outros fatores, de todas as outras perguntas que foram feitas.



Além de tudo o que foi colocado, um ponto importante é a mudança do legado, é a mudança dessa cultura, da cultura do país que existia. Nós éramos relegados a poucas modalidades, poucos esportes, e o fato de ser sede olímpica é um dos fatores para se atingir a excelência, porque nós temos, é claro, todo o financiamento... Eu acho que o Ricardo pode falar sobre isso com muita propriedade, sobre os fatores para se atingir a excelência, como a renda *per capita*. Mas um dos fatores é o fato de ser sede. E ser sede influencia em muitos outros fatores, na mudança da cultura, na mudança da cultura de como administrar isso, porque o país passa a ser visto por todo o mundo. Isso mobiliza todo o setor público, o setor privado, o investimento passa a entrar mais no esporte. Existem todas as mudanças advindas disso. E isso é extremamente importante.

Quanto às instalações esportivas, cada um tem o seu papel neste fator. A Confederação Brasileira encarou isso de uma forma diferente, até em função das condições que existiam antes. O Centro Olímpico Esportivo vai estar lá. Só que existiria um *gap* muito grande entre um Centro Olímpico onde a seleção principal treina e os nossos cerca de 25 centros de base, financiados pela Caixa Econômica, nosso patrocinador máster. E como chegar a isso? Como fazer essa ligação? Esse foi um projeto, e, daí, veio a sensibilização do Ministério do Esporte e o projeto que nós desenvolvemos com o Ministério do Esporte, de importação de aparelhos e todos os acordos que foram fechados com as federações estaduais, com os governos estaduais, para...

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Desculpe-me lhe interromper, mas nós estamos em votação nominal, e o Presidente avisou que daria 4 minutos. Não sei se podemos suspender só para nós correremos lá, voltarmos e retomarmos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - O.k. Suspendemos por 10 minutos. É o tempo de nós irmos lá e voltarmos.

(A reunião é suspensa.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Retomando aqui a nossa audiência pública, concedo a palavra ao Klayler.

O SR. KLAYLER MOURTHÉ - Retomando o raciocínio, existiria um *gap* entre nossos centros de excelência, que são centros de base com cerca de 3 mil crianças, que têm a Confederação, com um centro olímpico principal que estaria no Rio de



Janeiro para servir à elite da ginástica brasileira. Como interligar isso? Obviamente foi necessário criar todo esse projeto da Confederação com o Ministério e da importação dos aparelhos credenciados pela Federação Internacional, homologados pela Federação Internacional, para que pudessem servir de treinamento-base para todas as regiões do País.

Quando nós falamos mais cedo sobre a ginástica se concentrar, principalmente, no Sul e no Sudeste, obviamente, existem centros, esses centros intermediários e esses centros nacionais, vamos entender assim, os centros de base, esses centros de excelência da Caixa Econômica, nosso patrocinador *master*, o Centro Olímpico, que estaria na cidade do Rio de Janeiro, mais esses centros nacionais intermediários para fazer essa ligação e que servissem também, além de base para essas regiões, de base para os clubes.

Nós vivemos num País clubístico de formação de atletas com esse viés, com esse viés clubístico, são os clubes que formam essa base, mas a Confederação, devido às condições de infraestrutura que existem no País em relação às ginásticas, precisava intervir nesse processo.

Quando nós não éramos confederações, éramos treinadores de clube, falávamos muito com as federações: *“nos ajudem, nos ajudem nesse processo”*. Porque, como Tomasini disse sobre as federações e as dificuldades, eu costumo dizer que muitas muitos órgãos de ginásticas e muitas federações são um CPF. Elas só existem porque existe um indivíduo. Muitos clubes neste País, entidades que desenvolvem a ginástica, existem por causa de uma pessoa, é um CPF que faz a ginástica acontecer em muitas cidades. No caso da ginástica de trampolim, apesar de ter toda, agora, uma instituição por volta, aconteceu na cidade de Piraí no Rio de Janeiro por causa da Shirley. O CPF da Shirley fez acontecer ginástica em Piraí.

Então, em muitas situações quem faz a ginástica acontecer é um CPF. A Confederação precisava agir nisso, aproveitando esse legado, esse fator de ser sede e essa mudança cultural, não só o Centro Olímpico, como o Centro de Treinamento, nós importamos esses aparelhos, estamos fazendo 13 centros no País para atender a todas as regiões do País, o Nordeste, o Norte, obviamente, existe treinamento no Sul, no Sudeste e no Centro-Oeste.

O SR. DEPUTADO DELEY - No Rio tem algum local definido?



O SR. KLAYLER MOURTHÉ - No Rio também tem.

O SR. DEPUTADO DELEY - Onde?

O SR. KLAYLER MOURTHÉ - Além do Centro Olímpico que tem lá, há em Piraí, que eu acabei de citar, o Centro 1 dos centros de trampolim, são 3 no País, um dos centros está indo para Piraí, que é um polo do trampolim. Existe também em Minas Gerais, existe no Rio Grande do Sul outro de trampolim e existem também os centros de ginástica artística, São Paulo tem um.

Nós começamos a atender regiões, obviamente, isso não é o suficiente, mas houve essa mudança da cultura. Nós começamos a atuar desde 2009 para mudar de forma incisiva dentro dessa reestruturação e, claro, nos apoiando no fator de sermos sede dos jogos olímpicos e de existir uma sensibilidade maior das instituições privadas e públicas para o investimento, nós intensificamos esse processo de mudança dessa cultura. Foi difícil, inclusive, dentro da própria comunidade de ginástica. Foi difícil, muito difícil, dentro da própria comunidade de ginástica mostrar para eles que é importante ter um centro de treinamento no Nordeste, apesar de não ter todos os resultados que o Sul e o Sudeste têm, muitos atletas que são campeões nacionais hoje vieram do Nordeste. Como não há local para treinar, eles precisam descer. Nós precisamos fornecer essas condições.

Esses centros servem também para formar mais treinadores. Nós precisamos ainda de algum conhecimento dos treinadores internacionais, mas os treinadores nacionais atingiram a excelência, a exemplo do Arthur Zanetti. O Arthur Zanetti se fez campeão olímpico pelo trabalho de um treinador brasileiro, do Marquinhos. Existiu ajuda de treinadores estrangeiros, mas muito diferente do que era no passado. Hoje, o Arthur Zanetti é campeão olímpico por trabalho do treinador Marquinhos.

O Sasaki, sexto colocado no campeonato mundial, é fruto do trabalho, quando era criança do treinador Fernando, que hoje é o treinador do Diego Hypolito, ele passou pelo Marquinhos, que é esse treinador do Arthur Zanetti e, nesse final da lapidação, do Renato, que é outro brasileiro.

Então, a formação desses dois grandes atletas vem de treinadores brasileiros. Por isso, na minha exposição, eu falei sobre a valorização de treinadores brasileiros. Esse é o grande legado e que tem intervenção em todos os outros fatores.



O Deputado falou sobre a ginástica rítmica em Toledo e sobre Toledo ser um polo. Toledo é um polo! Toledo tem muito do desenvolvimento que foi feito pela empresa Sadia — o Clube Sadia é o patrocinador —, muito do Pedrinho, muito da treinadora de Toledo, que não vem da ginástica. Ela vem de outro esporte, mas se apaixonou pela ginástica e hoje atingiu a excelência e treina a Angélica. A Anita treina a Angélica, e a Angélica deu ao Brasil inúmeros títulos pan-americanos, inúmeros títulos internacionais e é outra treinadora brasileira que trabalhou e aprendeu aqui no Brasil, aprendeu com treinadores estrangeiros, mas aplica todo o sistema que aprendeu sobre treinamento, todo o conhecimento técnico no Brasil. E com esse legado de ter as Olimpíadas no Brasil, o Brasil como foco, devemos valorizar os treinadores estrangeiros, construir locais onde se possam reunir seleções nacionais para treinamento e não só seleções nacionais principais, mas as seleções de base.

Daí, entramos na outra pergunta que é como ficam as categorias de base e a descoberta de talentos. Bom, essa não seria uma função principal da Confederação, mas, fornecer as condições para que isso aconteça, isso sim. Isso é função principal da Confederação. A Confederação não vai lá para descobrir o talento, mas ela precisa fornecer as condições para que isso aconteça dentro de toda essa estrutura. Por isso, comecei com o legado, os centros de treinamento que podem servir de base para os treinadores dessa região, podem servir de base para os treinadores dos clubes com equipamentos de Primeiro Mundo. Temos os melhores equipamentos do mundo que foram importados nesse projeto em parceria com o Ministério do Esporte, para que houvesse essas condições.

Junto a isso, nós, da Confederação, nesta gestão, precisávamos ajudar os clubes. Apesar de não ser uma função principal da Confederação, a Confederação tem essa sensibilidade. Nós temos que ajudar de alguma forma, ajudar com aparelhos os clubes que não têm aparelhos suficientes. Obviamente, a Confederação não tem como aparelhar os clubes, mas aparelhos que são essenciais para aquele clube, como uma paralela, que foi para Santos, que tem atletas na seleção, ou outros aparelhos para outros clubes; um barrote de paralelas que foi para o Flamengo, porque o barrote do Flamengo havia quebrado e eles não conseguiam comprar outro. Falei assim: *“Isso tem de ir para o Flamengo, porque*



eles têm atletas na seleção.” Inclusive, isso nesse processo de reestruturação da Confederação.

Também nesse processo de reestruturação, houve a descentralização das seleções. Existem fatores extremamente positivos em concentrar a seleção, mas, para um País que tem um número pequeno de atletas, isso tem um impacto negativo muito grande, porque os talentos, os expoentes passam a se concentrar em um local apenas, e os treinadores, que também são talentosos para formar esses campeões, eles vão para esses centros, e como é que fica a categoria de base, como é que ficam os atletas que estão sendo formados?

Nesse entendimento, desde que essa equipe assumiu a Confederação, capitaneados pela Prof. Luciene, optou-se pela descentralização, para que esses atletas que estavam sendo formados fossem desenvolvidos dentro da ginástica de alto rendimento.

Existiu um *gap* na ginástica artística feminina, um trabalho fenomenal com a ginástica artística feminina, de onde surgiram Daiane dos Santos, Daniele Hypolito, Jade Barbosa, que não tem a mesma idade dessas duas que falei, mas surgiu dentro desse processo, e a Camila Comin. Isso, no centro de Curitiba, foi sensacional! Só que não era suficiente para um país do tamanho do Brasil. A última estimativa apontou 203 milhões de habitantes. É uma enormidade! Dentro do Estado de Minas Gerais, para ir de Belo Horizonte a Uberlândia, de ônibus, leva-se 8 horas. De avião, para sair do Amazonas e chegar ao Rio Grande do Sul, com todas as escalas, leva-se 12 horas.

Como é que se faz para desenvolver o País dessa forma? Um centro único era um problema gigantesco. Nós precisamos atender todas as regiões. Aproveitando todo o processo dos Jogos Olímpicos no Brasil, agregamos esse desenvolvimento e esse pensamento nos centros de treinamento, ligando o centro de base ao centro olímpico, com esses centros intermediários, que serão 13 em todas as regiões do Brasil.

Em termos de financiamento, nossas verbas vêm da Caixa Econômica, nosso patrocinador *master*. 5 milhões e 200 mil reais. No projeto de que eu acabei de falar, para equipar os centros em parceria com entidades públicas, nós temos o Ministério.



Para esse nosso projeto, nós colocamos a necessidade de que as parcerias fossem firmadas com instituições públicas, para que se atendesse o maior número de pessoas, dentro de certas exigências, certas regras. Não é um centro a que se pode ir quando se tem vontade de treinar. Não é assim que funciona. Os centros estão equipados com os melhores aparelhos do mundo. Então, obviamente, existem normas para que se frequente os centros. Mas eles devem atender essas regiões, em parceria com entidades públicas.

E por que não entidades privadas? Porque entidades privadas têm seus interesses privados. Um clube que atende seus sócios tem as suas escolinhas, tem a sua própria equipe treinando. Como é que nós faríamos? Haveria um conflito entre os interesses particulares do clube e o interesse de desenvolvimento da ginástica, de forma geral, da região. Por isso, trabalhamos com as entidades públicas. É mais fácil fazer dessa forma. São entidades públicas trabalhando em prol do desenvolvimento da ginástica em determinada região, capitaneadas pela Confederação. Isso era absolutamente necessário.

E os centros servem também de base para as entidades privadas que têm atletas na seleção. Podem fazer a sua preparação para um campeonato mundial juvenil, por exemplo, treinando nos aparelhos que serão utilizados no campeonato. É o que acontece hoje no Campeonato Mundial de Trampolim por idades. Existem diferentes categorias: infantil; 11 e 12 anos; 13 e 14 anos; 15 e 16 anos; 17 e 18 anos. Os atletas podem treinar, nos centros de treinamento, nos trampolins Eurotramp, que são os trampolins em que eles vão competir, em novembro, na Dinamarca. O mesmo vale para a ginástica rítmica e para a ginástica artística.

Algumas coisas envolvem, como o Ricardo colocou, riscos. Um dos riscos é o dólar, que hoje está 4 reais. Meu Deus! Essa é a expressão: "*Meu Deus!*" Como vamos fazer? Isso tem um impacto gigantesco no nosso planejamento. Só que existe outro fator extremamente importante. E, como nós estamos no Congresso, eu acho que os Srs. Deputados poderiam tratar de uma questão muito específica.

Nós mandamos nossas seleções brasileiras para competir em campeonatos mundiais. A seleção feminina de ginástica artística embarcou para aclimatação no dia 6. A seleção masculina está embarcando hoje para aclimatação. No dia 17, as duas seleções vão para Glasgow e iniciam os treinamentos para o campeonato



mundial. Daqui do Brasil, nós fazemos a reserva do hotel desses atletas, que vão competir, que representarão o País, e pagamos as suas inscrições e a sua alimentação. Fazendo transferência internacional acima de 20 mil reais, nós temos que pagar 33% de imposto. Nós pagamos imposto para hospedar os nossos atletas brasileiros, os atletas que serão campeões olímpicos, se houver transferência de dinheiro para pagamento do hotel dele lá, ou da vila, ou qualquer que seja a coisa, porque isso está acontecendo no campeonato mundial. Aconteceu com a Ginástica Rítmica, está acontecendo com a Ginástica Artística, que está indo para o campeonato mundial, e vai acontecer com o Trampolim, que vai para o campeonato mundial em novembro. Nós vamos pagar 33% de Imposto de Renda, para reservar o hotel, a alimentação e pagar a inscrição do atleta brasileiro, que vai disputar a vaga olímpica.

Então, esta é uma norma, ela precisa ser cumprida, mas é uma norma que poderia ser, dentro desta Casa, estudada para que não existisse para os atletas da seleção brasileira. Pelo menos para nós, que somos da Confederação, é uma coisa extremamente óbvia. E 33% é um valor extremamente relevante, porque, para uma Seleção Brasileira de Ginástica viajar, como a Seleção Feminina viajou agora para a Alemanha, depois para mais uma etapa na França e, daí, seguir para Glasgow, no campeonato mundial, isso custa 500 mil reais. Um terço disso, 160 mil reais, com os quais nós poderíamos fazer 3 etapas de copa do mundo, de preparação para a Olimpíada, vão virar Imposto de Renda, e é para a seleção brasileira. Então, este é um trabalho específico, e todas as seleções brasileiras de todas as modalidades do Brasil pagam esse imposto. Então, acho que essa era uma mudança relevante. São alguns milhões de reais.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Essa transferência também funciona para trazer grandes eventos? O Judô, por exemplo, faz o evento do mundial, que sai a 10 mil dólares, por exemplo.

O SR. KLAYLER MOURTHÉ - Se tiver que fazer essa transferência para o exterior, vai ter que pagar.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Se tiver a transferência para a Federação Internacional...

O SR. KLAYLER MOURTHÉ - Vai ter que pagar.



O SR. RICARDO DE MOURA - As transferências internacionais, salvo algumas exceções, salvo algumas exceções...

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Quais são elas?

O SR. RICARDO DE MOURA - Eu não sei listar, eu vou incorrer em erros se eu falar, mas, salvo raríssimas exceções, mesmo porque tem que analisar ponto a ponto... Por exemplo, se o atleta ficar em alojamento, terá que pagar os 33%. Se tiver uma agência, esse valor cairá, se houver uma intermediação. Mas o que eu quero dizer...

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Mas, aí, são 20% para a agência.

O SR. RICARDO DE MOURA - Então, o que acontece? Há um impacto muito grande. Há impacto duas vezes, o impacto do dólar, que já dá o primeiro susto, e o segundo impacto é o do envio do imposto. São duas coisas em uma só.

O SR. KLAYLER MOURTHÉ - Bom, só arrematando essa pergunta do Diego, e também dos Srs. Deputados, deste legado, eu acho que há dois grandes fatores principais, essa sinergia das instituições, a mudança dessa cultura, e essas estruturas esportivas que vão ficar, com as confederações entrando nesse processo e construindo outros locais que servem como base.

Perguntaram das competições de preparação. Nós fizemos essa preparação desde 2009. Desde 2009, são dois ciclos. E este ano nós começamos a escrever, para 2024, o nosso planejamento estratégico para a Olimpíada de 2024, é claro que com a Olimpíada de 2020 nesse processo. Precisamos pensar nisso.

Nós estamos no final. As competições até lá são esse campeonato mundial, que é classificatório, e, dependendo da colocação do Brasil... Vamos levar em consideração a Ginástica Artística, o masculino, que viajou hoje, e o feminino, que viajou na sexta. Se eles ficarem entre os oito primeiros colocados, eles estão classificados, e isso é bem provável. O masculino, por exemplo, é o sexto do mundo, de acordo com o último campeonato mundial. Se eles ficarem entre os oito primeiros colocados, a equipe já está classificada diretamente para os jogos olímpicos. Então, não precisam participar do evento-teste, que, no caso da ginástica, é em abril.

Existe, então, um planejamento específico para isto, em relação às copas do mundo, com participações estratégicas. Esse final não é de participação em uma quantidade grande de competições, mas em competições estratégicas.



Então, vamos citar o exemplo de Londres, em 2012. O Zanetti foi para a Copa do Mundo de Ghent e, em Ghent, fez a maior nota do ano. Então, a opção estratégica do treinador, os Marquinhos falou assim olha *“Não vamos levar o Arthur para nenhuma outra competição, eu quero que ele entre na Olimpíada com a maior nota do ano, porque a série dele e todo o desenvolvimento técnico estava estável”*. Nós vamos entrar nisso. Então, o Zanetti não foi para o campeonato Pan-Americano, antes de Londres, para ter esse impacto psicológico nos árbitros que estão lá, na comunidade de ginástica. Nós estamos julgando o cara da maior nota do mundo, Por que ele tem uma nota de partida que é a maior nota do mundo, era a maior nota do mundo junto com o italiano, junto com o chinês em Londres e continua sendo a maior nota de partida do mundo 4 anos depois? E, dentro desse desenvolvimento das competições, dessa reestruturação e para investimento nas categorias de base, que é essa última pergunta, isso é fundamental. Nós vamos participar e estamos participando desse campeonato mundial com uma menina que vai fazer 16 anos, a outra que já completou 16 anos, duas que já completaram 16 anos e uma de 17. E nós temos, nesse grupo ainda, a Dani e a Jade.

Essa é uma característica da Ginástica Artística Feminina. Se nós estamos falando de atletas olímpicos entre 16, que é a idade mínima para participar, até 20 anos de idade, que é a grande massa dos campeões, nós estamos falando de trabalhar com as meninas de 10 anos de idade. Aqui, nós temos grandes entendedores de esporte, pessoas extremamente especializadas em esporte. Uma atleta que vai ser campeã olímpica aos 18 anos de idade, aos 17 anos de idade, com 10 anos, ela teve só 7 anos. Por isso, ela começou lá bem cedo. Sete anos para você fazer uma campeã olímpica é muito pouco tempo. Você não pode deixar que um investimento comece a acontecer quando ela tiver 16 anos de idade e começar a participar da Copa do Mundo ou do campeonato mundial com essa idade, porque ela só vai poder participar nas competições principais com 16 anos. Só a partir daí eu passo a financiar isso? Não! Esquece! Nós não seremos. Então, precisa trabalhar com as equipes de base; e esportes que têm essa faixa etária, é extremamente importante esse investimento nessas categorias de base, porque elas farão muitas medalhas para este País. Existe uma repercussão política



extremamente alta no ganho dessas medalhas; a ginástica é uma das modalidades, as ginásticas, com um número expressivo de medalhas disputadas nos jogos.

Nós temos, no caso da Ginástica Artística Masculina, dois atletas de cada país podem ir para a final. Nós temos seis aparelhos, mais um individual e geral, sete, sete vezes dois quatorze medalhas disputadas, obviamente você não tem nenhum país que tem medalha de ouro e prata ou prata e bronze com dois atletas em todos os aparelhos. Mas eu tenho o levantamento de todos os países com os anos áureos de alguns países ganhando dez, 12 medalhas olímpicas na ginástica. Isso na ginástica artística masculina junto com a feminina. É um número expressivo de medalhas. É muita medalha como tem a natação, como tem esses esportes individuais. E esse investimento, ele é fundamental. Essa estrutura do legado, o investimento, o atendimento a essas categorias de base para o sucesso esportivo do País. Essa mudança da cultura, planejamento. O que acontece? Planejamento estamos falando de uma década, não falamos de planejamento de 1 ano, nenhuma modalidade séria fala de planejamento de 1, 2, ou 4 anos, nós falamos de, no mínimo, uma década.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Obrigado, Klayler.

Nós temos aqui, vamos fazer a última rodada de perguntas. Vou abrir aqui para a plateia e depois irei fazer algumas que chegaram aqui pelo portal e-- Democracia.

Como é seu nome mesmo?

O SR. DANIEL BRITO - Oi, bom dia!

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Boa tarde!

O SR. DANIEL BRITO - Meu nome é Daniel Brito.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Oi, Daniel, na minha terra, fala-se o seguinte: que, se a gente não almoça, ainda é bom dia. E a gente ainda não almoçou e ainda é bom dia. Pois é, depois do acarajé, já dá para dar boa tarde. Pois não!

O SR. DANIEL BRITO - Bom dia! Até o nosso almoço, não é. Eu sou repórter do UOL e tenho perguntas para os três.

Começando com o Ricardo de Moura, eu tive a oportunidade de conversar com o Coraci, no último dia na natação, em Toronto — ele passa por problemas de



saúde, não é, ele está bastante debilitado, faz uso da cadeira de rodas; e, se eu não me engano, talvez seja um dos mais longevos dos presidentes de federações e em segundo lugar está o nosso João Tomasine, se as minhas contas estiverem certas —; e, na entrevista, ele me disse “Prepara para que você, Ricardo, seja o próximo presidente da CBDA”. Eu queria que você falasse sobre esse processo de transição e a respeito dessa questão de ser o próximo presidente da CBDA. Eu acho que vai passar por um pleito, por uma assembleia e tudo o mais. Vou fazer essa pergunta para todos depois.

Ainda sobre o Coaracy, eu queria que você esclarecesse a respeito da questão do Bolsa Pódio, da atleta Luísa do nado, que é neta do Coaracy e foi contemplada mesmo, não esteando aí, pelo menos, a notícia veiculada no jornal *O Estado de S. Paulo* é que ela não atendia os requisitos para ser contemplada pela Bolsa Pódio.

Para o Klayler, eu gostaria de perguntar a respeito da nossa geração, a geração anterior, que continua em atividade, que é a Jade, a Daniele e o Diego que são atletas que muito fizeram pelo País e muito nos dão orgulho. Mas, talvez a presença deles na nossa equipe principal e provavelmente na nossa equipe olímpica, talvez isso não seja como um símbolo de que o alto rendimento não conseguiu inovar em grande nível um volume bom de atletas para que a gente pudesse promover essa seleção natural e esses atletas que já estão na casa dos 28 ou quase 30 anos eles já não servissem mais à Seleção Brasileira, porque já são tidos como veteranos nas competições, até no próprio Pan-Americano a gente pôde ver isso também.

A respeito também da ginástica sobre a questão das medalhas, a gente vai continuar confinando no Arthur Zanetti. Tem mais alguém de que a gente consiga tirar alguma medalha, que a gente pode esperar uma medalha para os jogos olímpicos?

E para o Tomasine, eu gostaria de saber, primeiramente, a questão da PETROBRAS.

Como é feito esse investimento da PETROBRAS na canoagem? O Isaquias é patrocinado pela PETROBRAS, não é. Só terminar as perguntas, o Isaquias é patrocinado pela PETROBRAS, ele pode exibir a logomarca da PETROBRAS nos



uniformes que ele utiliza a serviço da Seleção Brasileira? Como é essa regulamentação a respeito da exibição do patrocínio pessoal do atleta no caso do Izaquias que provavelmente quer exibir a marca da PETRORAS e não sei se tem autorização ou não.

Por último, como está essa questão, você falou algumas coisas a respeito dos bingos. Eu queria saber: tem um valor, a dívida que você vai pagar, um valor de x, um valor que pode dizer qual o valor da dívida, como é que você pagar, com qual recurso, com recurso da lei de incentivo, lei PIVA, convênio, um patrocínio da GE, como você está pagando essa dívida? É basicamente isso. Obrigado, Presidente!

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcio Marinho) - Obrigado!

Alguém mais deseja fazer a pergunta? Já vou fazer as perguntas que os internautas mandaram para poder a gente terminar, vocês já respondem, a gente já faz a consideração final para que a gente possa terminar a nossa audiência pública.

O Jefferson Sestaro, supervisor da modalidade não olímpica de canoagem oceânica lá de Santos, pergunta para todos: Qual o impacto futuro na formação de base com o corte do Bolsa Atleta para as modalidades não olímpicas? Será que esse ponto foi medido pelo Ministério do Esporte? Essa pergunta é para todos.

Daniel Almeida, de Campina Grande, pergunta ao Ricardo Moura: a saltadora Ingrid postou uma foto com o maiô antes do Pan e gerou muitos comentários maliciosos contra ela, gostaria de saber se essas questões serão trabalhadas pela CBDA durante as Olimpíadas? Doutor Ricardo, eu vou deixar contigo essa pergunta.

Ainda o Daniel, mas a pergunta vai para o João Tomasine:

Não entendi bem a questão da dívida dos bingos, até citada aqui já por ele, pelo Sr. João. Qual é o valor total dessa dívida que a canoagem terá que pagar e como será a programação de treinamento no local de competição Slalom?

E o Daniel, mais uma vez, pergunta para o Klayler:

Comente a questão do Arthur Nory de racismo. Os atletas serão impedidos de usar as redes sociais?

Então já vou passar aqui a pergunta ao João Tomasini para que já responda e já faça também suas considerações para que a gente possa terminar a nossa audiência pública, e assim sucessivamente.

Com a palavra o Sr. João Tomasini.



O SR. JOÃO TOMASINI SCHWERTNER - Antes das perguntas eu quero entrar num assunto que foi falado sobre o Imposto de Renda.

Realmente, mais uma vez, eu dou razão para o Deputado Deley. As agências de viagem conseguem mandar recursos para fora sem Imposto de Renda porque dividem uma outra remessa pelo número de clientes das agências. É só por esse motivo.

Isso foi conseguido graças a um *lobby* das agências na hora da votação da lei. O esporte não sabe fazer *lobby*. A gente paga uma fortuna por não saber fazer *lobby*.

A questão da dívida, que é a pergunta do Daniel Almeida.

A Confederação Brasileira de Canoagem talvez tenha sido a entidade esportiva com maior número de bingos permanentes.

Nós arrecadamos e contabilizamos aproximadamente 6 milhões de reais, de 1995 a 2001-2002, com recursos provenientes dos bingos. Aplicamos 100% desses recursos no desenvolvimento da canoagem.

A nossa dívida bruta na Receita Federal, graças à multa aplicada aos bingos e não à Confederação, aplicada aos administradores, mas quem pagava a dívida eram os tontos do esporte, desculpem-me, mas como o Deley falou, de vez em quando é bom botar um chapéu para a gente. A nossa dívida era de 4 milhões de reais. Com o benefício do REFIS essa dívida caiu para 2 milhões, e esperamos que na consolidação isso consiga ser reduzido por questões fiscais, legais.

A nossa dívida hoje, estamos pagando, durante 15 anos, uma dívida que não é nossa, para poder desenvolver a modalidade, é de 12 milhões de reais. Parcelas mensais pagas com recursos próprios, porque nenhuma lei permite você pagar dívida de imposto.

GE, patrocínio, recursos da nossa receita particular...

O SR. DANIEL BRITO - Seria ali, então, taxa de inscrição de competição?

O SR. JOÃO TOMASINI SCHWERTNER - Tudo que for receita própria vai pagando mensalmente. É um castigo: na hora de pagar dói. Mas...

O SR. DANIEL BRITO - Começou quando? Vai até quando?



O SR. JOÃO TOMASINI SCHWERTNER - Começou... São 15 anos. Há 1 ano e meio pagando. Faltam 13, 14 anos. Os próximos Presidentes vão receber um presente.

Mas, infelizmente, como falei antes, falar em anistia no Brasil é sacrilégio, mas o esporte brasileiro foi penalizado por uma lei que embutiou às entidades esportivas um benefício: eu te dou 7% da receita, mas eu vou te cobrar lá na frente 30% se eu pegar eles, não se eu te pegar.

Então, essa é a nossa dívida Daniel: ela é contabilizada. Pode ver hoje nosso balanço: ela está no bruto, porque não foi consolidado ainda. E eu espero que por questões fiscais ela possa ser reduzida: luto por isso. Infelizmente, eu já deixei de lutar por anistia, eu já larguei essa bandeira.

Quem pôde pegar a Lei do Profut, agora, pegue e quem não puder feche a entidade, leve a dívida para o seu CPF para o resto da dívida.

A questão da bolsa que o Jefferson Sestaro falou sobre a questão dos esportes não-olímpicos.

Alguns esportes, como o levantamento de terra ou coisa parecida se pleiteavam o passado uma bolsa. E por esses esportes não-oficiais, não reconhecidos pelo Comitê Olímpico Internacional o Ministério tomou a decisão de só apoiar as modalidades não-olímpicas em eventos internacionais. Isso penalizou a canoagem e muito, e outros esportes que têm o reconhecimento internacional, mas não são olímpicos. São formadores, como Klayler falou, do nosso esporte e não tem o apoio. Quando há apoio é para o treinamento e, em alguns casos, é manutenção de família, também.

Eu espero que o Ministério possa rever essa questão e nos próximos programas de bolsa reconheça os esportes não-olímpicos, vinculados às entidades nacionais, com o reconhecimento do Comitê Olímpico Internacional, possam ter bolsa nacional. Este é um pedido que eu faço nessa audiência ao Ministério do Esporte. Levantamento de terra não é esporte reconhecido. Estou dando um exemplo qualquer. A minha posição é a de que esporte reconhecido como esporte pelo Comitê Olímpico Internacional tenha a bolsa.

Ainda o Daniel, a programação de treinamento na competição de slalom. Os nossos treinamentos serão de segunda a sexta, período da manhã e da tarde, de



acordo com a necessidade dos nossos treinadores, e sábado e domingo o canal será um local público. É a convivência do público com o alto rendimento. Isso segue após os jogos. Esse é o grande legado dos jogos.

Vou apresentar um vídeo de 1 minuto. Isso é Deodoro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - João, vocês que já estão fazendo o teste *in loco*, qual é a avaliação que vocês fazem desse equipamento lá em Deodoro?

O SR. JOÃO TOMASINI SCHWERTNER - Será uma das melhores pistas do mundo. Ela tem os seus ajustes. Essa pista é toda em lego, são peças desmontáveis. Foi testado em computador. É um modelo reduzido na Universidade de Praga. Agora, há os ajustes. Esse ajuste é feito de agora até novembro e continua até março, abril, quando lacram os obstáculos e vai assim até os Jogos. Londres teve uma configuração para os Jogos. No mundial, ocorrido há 1 mês, a configuração já foi mais simples e mais adaptável ao restante.

Sobre a PETROBRAS. Eu vou fazer uma pergunta a você e quero que você use o microfone para responder. Giba, atleta da Confederação Brasileira de Vôlei, na seleção brasileira de vôlei, pode colocar o patrocínio do Bradesco, o patrocínio pessoal, no uniforme da CBV?

O SR. DANIEL BRITO - O Giba não, mas se usarmos modelo de competição individual, o Cielo pode, o Thiago Pereira pode.

O SR. JOÃO TOMASINI SCHWERTNER - Bom, a Confederação dá aos atletas a seguinte possibilidade: dois espaços no barco e um espaço no remo. O uniforme é um uniforme nacional, negociado com os nossos patrocinadores, que mantêm o esporte como um todo. No uniforme nacional não terá patrocínio da PETROBRAS. A PETROBRAS é patrocinadora individual dele. É excelente que patrocine, é excelente que dê condições a ele para montar uma estrutura de vida futura, mas não é patrocinadora da Confederação Brasileira de Canoagem. Nosso patrocínio Master é BNDES, nosso patrocínio é GE, Itaipu no slalom. Esse é o uniforme nacional.

Nós somos um esporte coletivo. Nós não somos natação. Desculpe. Essa é a posição da Confederação. Quando nós conquistamos um patrocínio, nós “vendemos”, nós cedemos o nosso espaço ao nosso patrocinador. Nós temos



contrato para cumprir. Então, nós estamos cumprindo o nosso contrato. Eles têm espaço no barco e no remo. É espaço suficiente para divulgar o seu patrocinador individual ou de qualquer atleta. É uma regra geral para a canoagem.

Sobre a dívida eu falei. Teria alguma coisa ainda? Tenho só uma observação para você. Realmente o Coaracy é o decano do esporte brasileiro. Ele entrou em janeiro de 1988. Fui eleito em abril de 1988. Então, Coaracy tem 3 meses mais do que eu. Alguns repórteres falaram que EU estava há 25 anos. Eu tive que corrigir. Eu estou há 27. Tenho orgulho disso. Não me envergonho de estar esse tempo. Eu tenho um trabalho. Eu fui canoísta antes de ser dirigente. Eu fui canoísta antes de ter canoagem no Brasil. Na minha região, uma região alemã, no Rio Grande do Sul, Estrela, o Sr. José Wingen, em 1941, trouxe a canoagem, porque competia na Alemanha. Eu pratiquei a canoagem com 12, 13 anos. O primeiro caiaque que eu vi eu não sabia nadar. Aprendi a nadar com 7. Não sabia que seria parte da minha história.

Desde o ano 2000 a canoagem brasileira elege os dirigentes ou os presidentes — eu fui reeleito nesse período, com a maior assembleia do esporte brasileiro: federações e clubes. As assembleias têm a possibilidade de chegar a 160 votos, na nossa assembleia.

Então, eu tenho orgulho de dirigir o esporte que eu amo durante esse tempo todo. Eu não tenho vergonha e corriji um repórter do jornal *O Estado de São Paulo* esses dias sobre o período do meu mandato: não são 25, são 27 anos. Eu tenho orgulho do que estou fazendo, gosto do que estou fazendo, realizo-me no que estou fazendo. Eu não tenho vergonha. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Márcio Marinho) - Obrigado, João Tomasini.

Eu vou passar aqui a Presidência dos trabalhos para o Deputado João Derly, porque tenho uma audiência na embaixada americana — eles são britânicos no horário.

Vou passar aqui para o autor do requerimento, já agradecendo ao Ricardo, ao Klayler, e também ao João Tomasini. Nós temos feito algumas audiências públicas aqui, mas esta de hoje marcou. Eu achei muito bacana ter acesso às informações. Vocês estão de parabéns. E, acima de tudo, agradeço ao Deputado João Derly a



iniciativa desta audiência, graças à qual estamos hoje nesta quinta feira debatendo esse assunto muito importante.

Peço licença a vocês e desejo-lhes uma quinta-feira abençoada por Deus e um final de semana também. Um abraço.

O SR. JOÃO TOMASINI SCHWERTNER - João, eu deixaria esse meu desabafo dos 27 anos como consideração final. *(Riso.)*

Eu concordo com o Ricardo plenamente sobre que o legado intangível dos jogos é essa universalização do esporte e, mais, este debate — é poder estar aqui debatendo com todo mundo, com esta audiência do portal da democracia. É importante estar aqui e eu encerro por aqui.

Agradeço o convite e estou à disposição dos senhores para tudo o que for em benefício do esporte.

O SR. RICARDO DE MOURA - Bom, eu gostaria de pedir licença e responder às perguntas em ordem inversa.

O Deputado Daniel Almeida pergunta sobre o Arthur Nory e se os atletas serão impedidos de usar as redes sociais. Não, eles não serão impedidos de usar redes sociais. Agora, depende do momento em que ele está. Obviamente não é a hora de você ficar na rede social, por exemplo, nos dias de competição dos jogos olímpicos. O foco tem que estar voltado a essa competição.

Nós somos extremamente profissionais nesse processo. E quando digo que somos extremamente profissionais, eu incluo esses ginastas. O Nory cometeu um equívoco extremamente grande. Eles são amigos desde criança, treinam no mesmo ginásio, e ele cometeu um equívoco, algo que, em outros tempos, era brincadeira. Isso nós realmente achamos que não é brincadeira, mas ele se equivocou nesta colocação.

Os atletas são profissionais e têm foco nesse processo. Se ele está no treinamento, é uma coisa; se ele está no dia da competição, é outra. Nós temos esta atuação. E quando digo “nós”, somos nós, dirigentes, treinadores, atletas, colaboradores. Nós somos extremamente profissionais neste processo.

Quanto à bolsa-atleta das modalidades não olímpicas, isso é preocupante. Nós somos uma confederação e temos modalidades olímpicas e não olímpicas. Eu fui treinador antes de ser supervisor das seleções. Eu tive atletas que só



permaneceram treinando porque eles tinham uma bolsa-atleta e atletas que praticavam modalidades não olímpicas. A confederação foi campeã mundial por equipe em duplo-mini, que é uma modalidade não olímpica. O Hino Nacional estava tocando lá no campeonato mundial quando essa equipe foi campeã. Nós temos um campeão mundial de duplo-mini, que é uma modalidade não olímpica. Nós temos outros campeões, outros medalhistas mundiais de modalidades não olímpicas.

Modalidades olímpicas são algumas modalidades, são alguns esportes que existem no País. Existem vários outros que não são olímpicos. Existem outros que querem ser olímpicos, mas que não podem ser olímpicos, porque não existe vaga na olimpíada. São normas determinadas pelo Comitê Olímpico Internacional.

Eu acho que esse entendimento precisa existir. Como eu coloquei na minha fala, a mudança de cultura por sermos sede dos Jogos Olímpicos é a mudança de cultura esportiva, e ela não pode se ater, exclusivamente, às modalidades olímpicas, como no passado se ateuve a algumas modalidades esportivas no Brasil. Há vários anos esporte no Brasil era futebol, o resto era nada. Isso mudou ao longo dos anos. Eu acho que nós estamos em algo parecido entre olímpicos e não olímpicos, são brasileiros que representam o País lá fora, que divulgam o nome do País, que divulgam a cultura brasileira, que divulgam a política brasileira, que divulgam o desenvolvimento brasileiro. Eles têm que ser considerados da mesma forma pelo Governo brasileiro.

A outra questão é em relação à renovação. Com essa menção da geração Dani, Diego, Dai, Jade houve um trabalho extremamente positivo no Brasil. Quanto à renovação, como eu coloquei na minha fala, foi necessária a descentralização para sanar esse *gap* que existiu da formação de novos talentos.

O Brasil tem 203 milhões de habitantes, existem alguns estudos que colocam que se consegue um atleta de nível olímpico, de nível mundial, medalhista mundial, 1 em cada 200 mil habitantes, isso significa que o Brasil com a quinta população do mundo tem vários campeões mundiais, vários campeões olímpicos, mas falta infraestrutura, falta trabalho para que isso aconteça. Não é o trabalho de uma confederação, do Governo Federal, de um governo estadual, é o trabalho de toda a estrutura, de todas as instituições. Esse trabalho precisa ser sinérgico, precisa ser em conjunto para que aconteça.



Vendo esse *gap*, nós desenvolvemos essa perspectiva, nós criamos essa intervenção de descentralização das seleções, exatamente por causa disso. A concentração é extremamente positiva num ponto, mas muito negativa em outros. Num País com um número tão pequeno de praticantes, no caso das ginásticas, a concentração gerou esse *gap*.

Nós pegamos os melhores atletas e os levamos para um centro de treinamento e, obviamente, os melhores treinadores também foram. Agora, como nós formamos? Todo o mundo entende o seguinte conceito: um atleta para ser campeão olímpico é extremamente talentoso, ele é uma exceção. Um treinador para fazer um campeão olímpico também é extremamente talentoso, não é qualquer treinador que faz um campeão olímpico, ele precisa ter talento para isso.

Agora, você pega o atleta com talento para ganhar uma medalha olímpica, o treinador com talento para ganhar uma medalha olímpica, são exceções, vocês retira essas duas pessoas do local, retira o treinador de onde ele dá aula para essas crianças, ele serve também de referência para outros criadores, ele ensina para outros treinadores, e o concentra em um centro. Pronto, você acabou com a modalidade no País, você criou um buraco gigantesco, foi isso o que aconteceu ao longo dos anos em que a seleção ficou concentrada. Foi extremamente positivo, contribuiu muito para o desenvolvimento da ginástica, mas nós estávamos entrando numa outra fase, onde era necessária uma abordagem diferente. Nessa renovação surgiu a Rebeca, surgiu a Flávia, nessa descentralização precisávamos resolver isso em relação à ginástica artística feminina.

Em relação à ginástica artística masculina, existem as outras modalidades, mas essas são as duas que estão bem na visão, na mente de todas as pessoas, elas conseguem enxergar isso melhor. No masculino não foi tão drástico isso, porque a seleção não viveu concentrada, colocando num espaço bastante reduzido de uma cidade, de um bairro, treinando 6 vezes por semana, 2 vezes por dia, todos os seus talentos: atletas e treinadores.

Quando se descentralizou, surgiram essas atletas. São atletas com talento, como o que vocês viram da Dani, da Dai, do Diego, esses caras não surgem assim. São muitos anos de trabalho e são alguns. Quantos ginásios nós temos para isso?



Por isso, essa intervenção e, por isso, eu comecei a minha fala em relação ao legado e às estruturas, à ligação dos centros regionais, ao centro olímpico, aos centros de formação, aos clubes que formam seus atletas, a esse atendimento a todos eles. Essa é a visão da confederação.

Para fazer tudo isso também é preciso muito dinheiro. Nós temos dinheiro — eu acho que não é diferente para muitas das confederações — para as seleções principais. E como nós vamos fazer? Nós precisamos no mínimo dobrar a quantidade de financiamento que nós temos. A confederação teve um sucesso extremamente positivo ao longo desses anos porque nós otimizamos a aplicação dos recursos que nós temos. Por isso, nós tivemos, de todas as modalidades olímpicas, um aumento de 200% no número de títulos internacionais, com aumento qualitativo também, campeão olímpico masculino e feminino e outros títulos inéditos, inclusive com a Flávia, que é a renovação.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Desculpa te cortar, mas nós estamos em votação nominal. Vou pedir para acelerarmos um pouquinho o processo para dar tempo de chegar. Agora estou sozinho. Vou pedir a cooperação do Ricardo também.

O SR. RICARDO DE MOURA - Vou acelerar, mesmo porque ele me botou em saia justa. Obrigado. *(Risos.)* É assim, não é? Está aprendendo rápido.

Vou começar... Desculpe, o seu nome eu não me lembro.

O SR. DANIEL BRITO - Daniel.

O SR. RICARDO DE MOURA - Oi, Daniel.

Obrigado pelas perguntas.

Imagine nós, no cerne do negócio, falando sobre processo político. Eu vim aqui para aprender.

Antes de mais nada, eu queria falar do meu respeito ao Tomasini. Eu acho que o esporte brasileiro, se chegou aonde chegou, deve-se muito a esse processo, que as pessoas não conhecem. Não conhecem o que é um processo de dia a dia, de ganhar um espaço na federação internacional. As pessoas não conhecem esse processo, que é muito árduo e difícil. Vamos colocar a história do esporte brasileiro de forma que as críticas sejam construtivas, com um respeito profundo por todos



aqueles que construíram o esporte brasileiro até este momento. Meu respeito. Começar dessa forma.

Segundo, o processo eleitoral da confederação cabe àqueles que vão efetivamente votar.

Hoje a minha preocupação maior é com o dia a dia da confederação. O dia a dia da confederação não dá espaço para que se tenha os problemas que aconteceram no ano de 2015, que são muito grandes, e para que se pense em qualquer outra coisa que não seja a sobrevivência da entidade. Não há nenhum espaço na minha cabeça para isso, falo isso de coração aberto. Não há mesmo.

Com relação ao processo que você falou do nado sincronizado, a menina é mais uma atleta que foi indicada pelo projeto medalha. Como ela, outros estão entrando e saindo, estão sendo analisados. Independe da Confederação Brasileira isso. Queria só deixar claro que a atleta tem um nome. É a Luísa, que faz dueto com a Miccuci. São duas atletas que têm... Isso foi de forma técnica. A avaliação foi técnica, sujeitaram-se às mesmas normas, padrões e regulamentos de todos os outros atletas para o Plano Brasil Medalhas, e esse é o caso. O fato de sair e entrar não interfere em absolutamente nada.

Quanto ao Bolsa Atleta, eu tenho uma visão ainda não tão clara. Eu gostaria de uma análise melhor disso. Acho que os esportes não olímpicos que estão incorporados às federações olímpicas têm uma vantagem pela organização e tudo aquilo que têm. É preciso dar uma olhada com mais carinho porque uma coisa pode levar à outra, o que não está numa olímpica pode amanhã estar na olímpica e se transformar também em um campeão e em uma medalha.

Quanto à menina dos saltos ornamentais, nas redes sociais não vai parar nunca. Isso é como se quisesse botar a mão na água e parar. Você vai tentar — tentar — orientar para que isso não se volte contra ela mesma. A orientação vai ser dada pela confederação diretamente, é um dos programas que nós temos.

Quero agradecer ao João. Desculpe a intimidade, Deputado. A culpa é de V.Exa. O esporte dá essa intimidade. Agradeço muito por isso, acho que é um legado que nós deixamos para o esporte. Muito obrigado por poder participar. É um prazer enorme estar com todos aqui, com os internautas. Agradeço realmente por esse desenvolvimento do esporte brasileiro. Muito obrigado.



O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - A Maria Luciene pediu a palavra, mas nós estamos muito enforcados. Nós teremos a oportunidade de, em outro momento, abrir o espaço e até ouvir um pouco mais a Confederação Brasileira de Ginástica. Hoje ficou reduzido, nós acabamos atrasando 1 hora e foi um dia corrido, mas teremos outras oportunidades de debater um pouco mais.

Agradeço aos nossos convidados pela disposição de botar um pouco mais de transparência nos objetivos que nós temos junto aos Jogos Olímpicos. Agradeço a disposição de vocês de estar aqui de cara limpa tentando nos mostrar um pouco mais a realidade de cada federação. Tem sido muito bom ouvir e aprender muito.

Sobre a questão da importação de equipamentos esportivos, temos a Medida Provisória nº 693, de 2015. Eu fiz uma emenda prorrogando a Lei nº 10.421, de 2002, para até 2022, assim como nós conseguimos com a Lei de Incentivo ao Esporte, através de uma medida provisória, ter oportunidade hoje de continuar com a isenção de imposto de importação e a isenção de imposto sobre produtos industrializados incidentes na importação de equipamentos ou material esportivo. Acho que é uma oportunidade muito boa de nós conseguirmos a prorrogação e continuar fomentando não só as confederações. Nós tentamos inserir também os clubes, através da CBC, porque é fundamental chegar àqueles que atuam mais na base.

Antes de finalizar os trabalhos, quero agradecer a presença de todos.

Nada mais havendo a tratar, encerro os trabalhos, convocando os Srs. Parlamentares para a reunião de audiência pública que debaterá os desafios para a criação de equipes femininas de futebol profissional, a ser realizada no dia 14 de outubro, quarta-feira, às 15h, no Plenário 4.

Está encerrada a audiência pública.

Muito obrigado.